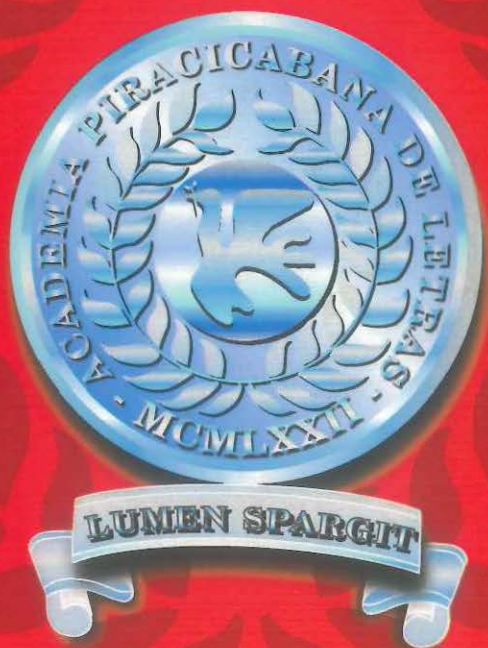


# REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



ANO IX - Nº 14  
PIRACICABA - 2017



REVISTA DA  
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano IX – nº. 14  
Piracicaba – Maio de 2017

## REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,  
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,  
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,  
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: [academiapiracicabanadeletras@gmail.com](mailto:academiapiracicabanadeletras@gmail.com)

Blog: [academiapiracicabana.blogspot.com](http://academiapiracicabana.blogspot.com)

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:  
JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada  
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:

E-mail: [joonassif@gmail.com](mailto:joonassif@gmail.com)

CONSELHO EDITORIAL:  
Antonio Carlos Neder  
Aracy Duarte Ferrari  
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto  
Ivana Maria França de Negri  
Myria Machado Botelho

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:  
*Balão atravessando a Ponte Estaiada*  
Ivana Maria França de Negri

DIAGRAMAÇÃO:  
Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:  
Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974  
[audaxia.adx@gmail.com](mailto:audaxia.adx@gmail.com)

\*\*\*

*As opiniões expressas, assim como a revisão de texto,  
nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.*

## ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Vias Tortuosas / O vazio, é cheio...</i> ...	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Alvorecer no Sertão / Com Qualidade Total / Minha neta</i> .....	9
Aracy Duarte Ferrari – <i>Ano Novo Iluminado / Climatologia</i> ..	15
Armando Alexandre dos Santos – <i>Anacronismo e anatotipismo: erros similares / De volta o velho Capanema? – Considerações sobre a proposta de reforma do Ensino Médio</i> .....	19
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Bodas e Desbodas</i> .....	35
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Consciência cósmica / Constatação / Inútil batalha / Senilidade</i> .....	37
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>O elo eterno / O ponto</i> ...	41
Edson Rontani Júnior – <i>Os 20 anos do celular</i> .....	45
Esio Antonio Pezzato – <i>A lenda do Salto</i> .....	47
Evaldo Vicente – <i>Lembrança de forje “amado” Chiarini</i> .....	53
Felisbino de Almeida Leme – <i>Obrigado meu Deus / Fé na vida</i> .....	57
Honorário Francisco de Assis Ferraz de Mello – <i>Fundação e povoação de Piracicaba</i> .....	59
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo os pleonasmos / Conhecendo as listas de “Sete” / Conhecendo as Perífrases / Conhecendo as Metonímias / Conhecendo Metáforas e Comparações / Conhecendo Eufemismos e Disfemismos</i> .....	61
Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>O celular do Artur e o encontro de gerações</i> .....	67

Ivana Maria França de Negri – <i>A força da vida / Quebra-cabeças</i> .....	75
João Umberto Nassif – <i>O Café</i> .....	79
Leda Coletti – <i>Reminiscências Piracicabanas</i> .....	83
Lino Vitti – <i>Poema a Piracicaba</i> .....	87
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – <i>Discurso de posse na Academia Piracicaba de Letras</i> .....	89
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – “ <i>Ágape</i> ”– <i>Amor Incondicional / Aqui na Terra somos apenas “Turistas”</i> ..	93
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Beira-mar / Corpo / Luzes que se apagam...</i> .....	97
Myria Machado Botelho – <i>A mãe e a guerra  (“Di ve voi ma”)</i> .....	103
Newman Ribeiro Simões – <i>A cidade que mora em mim / Infantilidade</i> .....	105
Olívio Nazareno Alleoni – <i>Cantadores de Cururu de Piracicaba</i> .....	109
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Coragem</i> ..	113
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Barca / Proximidade / De tudo Senhora de todos / Consciência / Quietude / Mother Earth Patcha Mama Mãe Mama Mother Mamá Mother</i> .....	115
Vitor Pires Vencovsky – <i>Procura-se um jardineiro</i> .....	119
Waldemar Romano – <i>Abraçando a sua causa profissional</i> ....	123
Walter Naime – <i>Correndo atrás do parado</i> .....	125
APL em ação – <i>Noticiário</i> .....	127

## APRESENTAÇÃO

Apresentamos-lhes, prazerosamente, a 14ª edição da revista da Academia Piracicabana de Letras. Esse periódico começou a circular em 2009, tendo, portanto, oito anos de existência. Não deixa de ser uma proeza esse resultado, digno de encômios, pois a A. P. L. é uma entidade com limitação numérica em seu quadro associativo, uma vez que o Estatuto, observando o sistema estrutural francês para Academias de Letras, tal como a Brasileira, não admite o ingresso de mais do que quarenta membros. Lembramos, também, que não fosse a colaboração financeira de um ou outro acadêmico abnegado e amante da arte literária, dificilmente poder-se-ia publicá-la. Ademais, a Academia não recebe verbas do Poder Público, suas mensalidades são irrisórias e não há venda de espaço publicitário. É com essa realidade nada animadora que ela tem sobrevivido nos seus 45 anos, completados no dia 10 de março do ano corrente.

Deixamos registrados os agradecimentos para os acadêmicos que se dispuseram a enviar textos para publicação, uma vez que essa participação é fundamental. Esperamos que repitam a dose para o próximo número, ao mesmo tempo em que solicitamos, aos ausentes das páginas desta edição, atendimento ao pedido do dinâmico e incansável editor, o acadêmico João Umberto Nassif, no sentido de escreverem também. É pouco o que pedimos (apenas um artigo por semestre), diante do muito que, certamente, ganharão os autores dos textos e os respectivos leitores.

Finalizamos reproduzindo aqui o último parágrafo da apresentação da edição n° 13, publicada no ano passado. Ei-lo:

*“Pois bem, aí está a nossa revista, produzida com todo o carinho. Em que pese a sua reconhecida qualidade, sabemos que podemos avançar ainda mais. Estamos prontos a receber comentários, sugestões e críticas, pois essas vozes quando bem-intencionadas podem propiciar avanços qualitativos e inovadores, contribuindo, assim, para ampliar o número dos amantes da literatura e o desenvolvimento da nossa Academia”.*

Saudações a todos!

**Gustavo Jacques Dias Alvim**  
PRESIDENTE

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA  
Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

### Vias Tortuosas

Vendaval enraivecido  
com carranca de bandido  
varrendo nuvens dos céus...  
Não há motivo aparente  
mas ergue a espada luzente  
e quer lutar contra Deus!

Num gesto vil de avareza  
ceifa a pobre natureza  
devastando sua paz.  
Brandindo espada aguçada  
roça tudo de empreitada  
qual violento capataz!

A mata densa farfalha...  
Enfrenta horrenda batalha  
nas mãos luzindo as espadas.  
Vergando o vento, as veredas,  
entortou as alamedas,  
torceu esquinas de estradas!

Deus Pai, Juiz irascível  
ante o carrasco temível,  
sua cólera ameniza.  
Pede às nuvens chuva forte,  
pune o vento com a morte  
e o transforma em leve brisa!



### **O vazio, é cheio....**

Vazia “minha caixa de segredos”  
não tem mais emoções para ocultar.  
Vazio de paixões a lhe assaltar,  
meu tolo coração banuiu seus medos.

Vazio de tormentas e torpedos,  
meu mar, com muito sonho a poetar,  
tornando à calmaria secular,  
uniu-se à solidão de seus rochedos.

Afirmo que o VAZIO é enganoso!  
Fazendo-se não visto, é volumoso...  
tem alma e corpo e vida e tem beleza!

O espaço sideral, (vazio???) é lindo!  
Pequeno a nosso olhar, é grande... infindo!  
É Pai e precursor da Natureza!

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO  
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

### Alvorecer no Sertão

Madrugada fria e nevoeiro  
algumas estrelas insistem a brilhar.  
Galo canta no poleiro preludindo:  
nova aurora vai chegar!

Inhambu pia na tiguera,  
juriti arrulha no cafezal.  
Sabiá no vergel, anuncia a primavera,  
porcos do mato, atacam o milharal.

Da casinha de barrote ao pé da serra,  
cercada de flores e coberta de sapé.  
Fumaça branca voluteia,  
exalando pelo vale, doce aroma de café.

Da cumeeira da tulha abarrotada,  
casal de corruíra a chamar.  
Anunciando à filhotada,  
comida farta, acaba de chegar.

Como é linda a florada  
da poda em bisél, dos cafezais.  
Avinhados e azulões, trilando na mata,  
sinfonia de chupins nos arrozais.

Ouvi histórias assustadoras,  
que o caboclo inventa e gosta de contar.  
Encenando pra tornarem mais aterradoras,  
quanta credence no jeito de narrar.

Histórias avançam madrugada afora,  
caboclo acolhedor, não se cansa de falar.  
Pescarias, caçadas, mãe-d'água, caipora,...  
entre um café e baforadas, até o clarear!...

## Com Qualidade Total

Passado as festas de fim de ano, já estamos em 2017, a marcha do tempo é inexorável, não adianta perdermos tempo lamentando o “leite derramado”; problemas existem para serem resolvidos, e, os empresários precisam se adaptarem às situações atuais e, unidos empregadores e empregados enfrentarmos os desafios que este período nos reserva.

Garimpando entre antigas anotações, assim como sempre os faço, quer como forma de revolver o passado, ou preencher algum tempo ocioso; encontrei interessantes anotações de um SEMINÁRIO sobre QUALIDADE TOTAL, do qual participei ativamente, na década de 1990.

Analisando seu conteúdo, e comparando-o com a situação econômica, social e política atual, vejo que quase nada mudou nestas duas décadas, no que tange aos problemas culturais e sócio econômicos dentro de muitas empresas de nosso parque industrial.

Vejam alguns tópicos discutidos no citado seminário, os quais procurei encaixá-los para se adequarem perfeitamente à situação atual.

Assim como ideais políticos idênticos são a base de um partido político, mesmos valores, crenças e objetivos unem e fortalecem os grupos sociais: dentro dos diversos grupos sociais, encontramos várias características de personalidades que os formam: há homens que agridem a natureza, destroem seu próprio habitat; e há aqueles que lançam campanhas de proteção ao meio ambiente, fauna e flora; há aqueles que premeditam e atacam a própria espécie, levado por motivos vários; e, há os que criam leis e mais leis para salvaguardar os direitos humanos, enquanto outros legislam em causa própria; há aqueles que procuram emprego, tão somente o emprego; e, há aqueles que procuram verdadeiramente o trabalho, a produção etc, etc. Para simplificar, vamos colocar este Homem, em dois grupos principais e distintos:

– Grupo social propriamente dito: onde ele vive, participa com sua família e divide o espaço com seus amigos; quer no lazer, viagens, esporte, etc...

– Outro grupo seria: o formado por colegas de trabalho, dentro da empresa: é sobre este grupo que tentaremos discorrer sucintamente:

– Quando a cultura do grupo apresenta indícios de rígida cristalização, ela se torna um obstáculo às mudanças e inovações; ele se torna saudosista e reacionário;

– Quanto mais rígida tende a cultura, maior a necessidade de rápidas mudanças, para adaptabilidade à evolução, e, não menos é o nível de dificuldades para implanta-las; pois é quase impossível promover mudanças no grupo, sem a incorporação de novos valores;

– Incorporar novos valores nos dias atuais, significa: levar o grupo à movimentação da estrutura piramidal, de sua base para o vértice; ou seja desde o menor cargo dentro da empresa até o primeiro escalão, devem passar por uma fase de auto crítica, incentivo e disposição para falar e ouvir bastante, estímulos à sugestões e criatividade e flexibilidade nas “decisões”; isto porque, a maioria dos brasileiros, não está acostumada à ponderações para tomadas de decisões.

Um exemplo vivo deste processo, é a atual fase que algumas empresas de grande expressão no parque industrial brasileiro, estão passando e ou passaram, cujas Diretorias inteligentemente perceberam que o momento é (foi) propício para mudanças e transformações, para fugirem a tempo de uma provável estagnação e conseqüente queda no seu nível de qualidade, e, possivelmente até de um futuro incerto e desastroso, assim como o foi e está, para várias empresas de pequeno a grande porte, que não se faz necessário cita-las nominalmente.

Fazendo uso deste arrojado programa denominado “QUALIDADE TOTAL”, cujo objetivo nada mais é, que mudar uma cultura que estava para algumas e ainda está para outras, se cristalizando.

– Este programa, muito bem assimilado aqui no Brasil por essas empresas que fazemos citação inominal, teve início no JAPÃO após a II Guerra Mundial, provocando o “milagre” econômico japonês; e hoje se alastrou por todos os países do chamado Primeiro Mundo.

– Qualidade Total, resume-se em mudanças de posturas das empresas, se adequando de uma forma tal, que melhor atenda as necessidades de seus clientes; entende-se por clientes nesta estrutura, não só os compradores dos produtos finais ou consumidores, mas também todos os setores internos da empresa, que participam na produção dos bens de consumo ou nas prestações de serviços (cada setor é cliente do outro e como tal deve ser atendido com qualidade).

– Algumas das principais características da Qualidade Total são: detectar falhas no produto ou prestação de serviço, em qualquer fase que ela ocorrer, antes de atingir o cliente final;

– Um melhor relacionamento entre empregadores e empregados, formará uma tríade perfeita por ordem de valorização: Homem, Produtividade com qualidade e Lucro.

– Resumindo: o empregado que participa ativamente das decisões e rumo da empresa mesmo que seja através de boletins informativos e caixas de sugestões, é feliz, produtivo e veste a “camisa da empresa”.

Desta forma, evita-se gastos desnecessários, com desperdícios de tempo, de forma geral e materiais.

– Senhores empresários! Vale a pena tentar; afinal Qualidade Total é também ter disposição para assumir “riscos”. Podemos promover mudanças sem melhorias mas, jamais obteremos melhorias sem mudanças.

---

## Minha neta

Cintilam no negrume das noites,  
miríade d'estrelas no Universo.  
Por mais sonhador que eu fosse,  
não ousaria: uma teria pra cantar, em prosas e versos.

Dentro em mim a todo momento,  
Estela traz: vida, amor e inspiração.  
Estrela que fugiu do Firmamento,  
veio iriar em meu coração!...

Amor de avôs é sublime, diferente é mel,  
maravilhoso sentir pelos netos, algo assim especial.  
Estela tem nos olhos, azul céu,  
no sorriso lhano, enleio divinal.

Meu olhar é teu prisioneiro,  
aprecia sua graça e, esplendor angelical.  
Sempre com Miguel e gargalhando,  
dois anjos, *dous* parceiros sem igual..



---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI  
Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

## Ano Novo Iluminado

Ao terminar o ano, especificamente no Réveillon, ouvir-se-á uma entonação perfeita às expressões: Ano Novo, Vida Nova, Realizações, Paz, Saúde, Amor, Prosperidade... Toda essa gama de votos e desejos, devem estar embasados no viver diário, no convívio familiar, na amizade fraterna com os amigos de trabalho.

Os investimentos, quer sejam culturais, sociais, econômicos e financeiros, devem adequar-se a uma escala de valores para que se tornem bem-sucedidos e realizados.

Mas atenção! É preciso também colocar em pauta, a priorização de amplos espaços para os entretenimentos. Estes descontraem, enriquecem e alegam.

Temos o direito e dever de escolher e definir nossa caminhada com sabedoria e discernimento neste próximo Novo Ano de Dois Mil e Dezessete. E tal caminhada deverá ser definida com parâmetros precisos, claros, objetivos, sendo necessário rever projetos em andamento e analisá-los sob a luz da razão, podendo-se alterá-los ou eliminá-los.

Existem projetos no rol dos sonhos, os quais às vezes tornam-se reais. Os projetos existentes e os sonhados, para terem êxitos, são necessários que estejam associados a muito trabalho, ideologia e boa vontade. Cada pessoa precisa encontrar-se emocionalmente equilibrada para alicerçar o seu futuro.

É necessário ter ampla e abrangente visão de negócios, perspectivas de valores reais, como assumir gastos dentro de sua capacidade financeira, e visão de investimento a longo prazo. Portanto, para que tudo ocorra dentro da normalidade,



se faz necessário alterar atitudes comportamentais inadequadas e adotar outras, coerentes com a realidade.

### **Climatologia**

*“O ser é um elemento calorífico.*

*Ele próprio produz calor”*

Com a temperatura elevadíssima pode-se afirmar que a terra está em transe. A alteração de clima neste verão, ano dois mil e catorze, foi excessiva, sufocante, chegando a atingir em média, trinta e cinco graus numa grande parte do país. Os climatologistas seguramente orientam-nos sobre os diferentes climas e suas características enquanto os médicos dermatologistas orientam-nos quanto aos cuidados com a proteção corporal. Evitar a ação dos raios ultravioletas emitidos pelo sol, os quais provocam desde irritações, inflamações, descamações da pele, podendo até aparecer um câncer. Alertam também os médicos e nutricionistas quanto às alterações necessárias do cardápio diário para que utilizemos comidas leves sem teor calórico e a ingestão de muito líquido em especial água e sucos naturais. Paralelo ao calor excessivo outra ocorrência em nosso dia a dia, são os gases poluentes emitidos pelas grandes indústrias nacionais e multinacionais. Existe legislação específica para proteção do meio ambiente, mas nem sempre tem sido respeitada. Algumas indústrias optam por fabricar produtos que geram lucros altíssimos, e constantemente se esquecem da Natureza e conseqüente do meio ambiente. O ecossistema pede socorro... A falta de fiscalização dos órgãos competentes, faz com que as indústrias provoquem a emissão de ozônio, gás ligeiramente azulado o qual provoca o Efeito Estufa. Essa situação “temperatura elevada” tem a participação também dos gases tóxicos resultantes das queimadas descontroladas e a diminuição da fotossíntese advinda dos in-

---

controláveis desmatamentos. Todo esse processo, mais a ação solar, tem como resultante um calor sufocante, prejudicial à saúde e destruição passiva e progressiva da Natureza. Há longas datas, profissionais da área ambientalista assinalam constantemente sinal vermelho... cuidado... cuidado... Tanto o Brasil como outros países, considerados potências mundiais, têm em seus poderes tecnologia de ponta e dinheiro para sanar essa situação caótica. Existe um provérbio que afirma: “A união faz a força”. É preciso, portanto, que cada indivíduo pressione seu governo para reverter esse quadro, ou – acima das expectativas altamente lucrativas – cuidar do planeta Terra. Isto sim é prioridade!



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS**

Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

### **Anacronismo e anatotipismo: erros similares**

Segundo o historiador francês Lucien Fèbvre, o anacronismo é *“le péché des péchés, le péché entre tous irrémissible”* (o pecado dos pecados, o mais imperdoável dos pecados) que pode cometer um historiador. Com essa afirmação, que se tornou axiomática, Fèbvre – fundador, com Marc Bloch, da famosa *“Revue des Annales”*, que a partir de 1929 renovou os estudos históricos em todo o Ocidente – apontou o que talvez seja, realmente, o maior perigo que ameaça o nosso ofício.

O anacronismo pode se manifestar quando estudamos determinado período histórico e, sem nos darmos conta disso, imaginamos os personagens daquele período como tendo conhecimentos, valores, modos de agir e de pensar da nossa época, ou de outras épocas históricas. Dessa projeção subconsciente decorrem erros de interpretação que podem alterar a fundo a objetividade do trabalho de análise.

O anacronismo pode se manifestar na utilização de palavras ou expressões fora do seu tempo. Por exemplo, quando lemos um romance ambientado na Idade Média e um personagem utiliza a expressão “ovo-de-colombo”; ou quando, num filme hollywoodiano, vemos fileiras de arqueiros da Roma Antiga dispararem suas flechas à voz de comando do seu chefe, que brada alto e bom som “Fire!”...

Às vezes, o anacronismo é bem sutil e difícil de ser detectado. Um historiador que examine uma carta escrita por um personagem histórico de 15 anos, do século XVIII, facilmente pode ser levado a imaginá-lo com as características que têm hoje os adolescentes dessa faixa de idade, sem considerar

que o fenômeno que hoje conhecemos como “crise da adolescência” é recente na História e simplesmente inexistia na sociedade patriarcal e tradicional de antigamente.

Outro exemplo, ainda: no passado havia, obviamente, atração sexual entre pessoas de sexo oposto e esse fator influenciava, como não podia deixar de ser, as escolhas matrimoniais; mas não havia algo que somente se generalizou no mundo nos dois últimos séculos, a partir do movimento romântico, que é o “casamento por amor”. O casamento, até princípios do século XIX, era pragmaticamente visto como um contrato em que, mais do que duas pessoas, uniam-se duas famílias. A atração física também entrava, entre muitos outros elementos, mas a mera atração sentimental geralmente não tinha grande papel na escolha. Em romances históricos e filmes, entretanto, é comum vermos, em personagens antigos, modelos românticos perfeitamente anacrônicos.

Outro exemplo de anacronismo temos em historiadores marxistas que, ao escreverem sobre a Idade Média, valorizam em demasia os aspectos econômicos e menosprezam as motivações religiosas das pessoas. De fato, a religião ocupava, na vida dos medievais, um papel muito mais marcante do que em nossos tempos de laicismo e indiferentismo religioso. O próprio Marx, aliás, já recomendava cautela a discípulos seus que, sem maiores reflexões, queriam aplicar a sociedades pré-capitalistas as regras do materialismo dialético.

São frequentes os anacronismos em livros de história, em obras de ficção e, sobretudo, em filmes e seriados televisivos aclimatados em ambientes históricos do passado. Exercício sempre interessante e culturalmente enriquecedor é procurar exemplos de anacronismo. No premiado filme “O Gladiador”, aparecem catapultas inexistentes na época e um cachorro de uma raça que somente existiria séculos depois. E disseram-me (não cheguei a reparar nesse pormenor) que, a certa altura, um romano, que assistia às lutas dos gladiadores, consultou as horas... no seu relógio de pulso! No filme brasileiro “Guerra de Canudos”, a atriz Marieta Severo representou – aliás, muito

bem – o papel de uma sertaneja que luta em Canudos... com as sobranceiras cuidadosamente trabalhadas e bem delineadas, como se tivesse acabado de sair de um salão de beleza!

Talvez nenhuma época histórica tenha sua compreensão tão prejudicada, pelas distorções produzidas pelo anacronismo, como a Idade Média.

No Medievo, a sociedade se ordenava de modo hierárquico e estamental, em três faixas distintas (clero, nobreza e povo), com funções distintas na organização social. O clero não pagava impostos, mas rezava, pensava, ensinava e cuidava da saúde da população. Cabia-lhe prover ao que presentemente é atribuição dos ministérios da Educação, da Cultura e da Saúde – é claro que com as limitações e as peculiaridades da época, com os critérios culturais e valorativos do tempo. Ignorá-lo, seria, precisamente, anacronismo.

A nobreza governava e lutava. Também não pagava imposto em dinheiro, mas pagava o “impôt de la sang”, o imposto do sangue. Os plebeus não eram obrigados a combater, essa obrigação era dos nobres, os quais também tinham o dever de caçar. A caça, que mais tarde se tornou um esporte e uma atividade prazerosa, durante séculos foi uma rude e sacrificada obrigação, já que a Europa era infestada por feras que punham em risco a vida da população. Lobos, ursos, javalis e, mais remotamente, grandes felinos, durante muito tempo ameaçaram a segurança das populações europeias. Os nobres, caçando, protegiam as populações indefesas e, ao mesmo tempo, preparavam-se para a guerra, sua obrigação maior. Os nobres eram senhores territoriais, mas estavam proibidos de comerciar e não era bem visto guardarem dinheiro. Poder fazer comércio e acumular bens era privilégio do “terceiro estado”, que trabalhava a terra e pagava impostos. Desse privilégio popular e da urbanização, ocorrida a partir do século XII, decorreria o surgimento de uma classe burguesa, que foi crescendo em poder e acabou, como é bem sabido, por desbançar a nobreza e até mesmo a realeza.

A sociedade medieval era entendida como um organismo vivo. Nele, cada órgão desempenhava seu papel específico, em

ordem ao bom funcionamento do conjunto. Clero, nobreza e povo se equilibravam, para benefício de todos, como registra Jacques Castelnau: *“A vida, que na Idade Média repousa antes de tudo na igreja, tem um segundo ponto de apoio: o castelo. Ela é, ao mesmo tempo, religiosa e heroica. Esse heroísmo, quem o encarna e simboliza, é o senhor feudal, que, assim como o padre, nasceu de uma necessidade popular. Lembrai-vos dos desesperos dos primeiros tempos da cristandade. Sobre as ruínas acumuladas pelos bárbaros, ergueu-se o bispo, com a cruz na mão, ensinando a existência de um mundo sobrenatural e melhor. Acreditou-se nele, e a vida se tornou menos rude. A seu lado, apareceu o nobre, com a espada na mão. E as populações inquietas se sentiram reconfortadas, porque se viram defendidas. Em troca desses dois socorros, o homem do povo levou ao homem de Deus e ao homem da guerra os frutos de suas plantações, as colheitas de seus campos, o duro trabalho de seus músculos. Todos acharam que o negócio era bom. A sociedade medieval, composta de elementos díspares, forma, assim, um conjunto harmonioso, a classificação dos indivíduos correspondeu a uma necessidade, sua hierarquia correspondeu a um entendimento e a um contrato”* (*La vie au Moyen Age d’après les contemporains*, Hachette, Paris, 1949, p. 52).

Por mais que pareça estranha aos homens de nosso tempo, a divisão da sociedade medieval em três estamentos era algo natural e a ninguém ocorria contestar, nem mesmo pôr em dúvida, a razoabilidade dessa ordenação. É anacronismo imaginar, na Idade Média, sentimentos e anseios de igualdade social que de todo inexistiam.

Esse anacronismo é apontado, de modo espirituoso, pelo historiador francês Frantz Funck-Brentano: *“Na Idade Média (...) as relações dos homens entre si são regradas por prescrições estabelecidas, de cuja legitimidade ninguém tem a menor dúvida. Ninguém cogita de protestar contra a sociedade tal como ela é (...) ou imagina que possa existir alguma mais bem construída, mas todos queriam que ela fosse ainda mais completamente o que ela devia ser. Depois disso, é de muito engraçado ver nossos historiadores do século XIX, com Michelet à frente, pretenderem dar lições aos homens do século XII: – Vós tínheis, senhores, instituições que não vos*

*eram convenientes. – Ora, ora, senhores, começai por considerar o modo como vós mesmos vos acomodais, antes de vos colocardes em nosso lugar e em nosso papel, para julgar das nossas coisas! Muito engraçada, realmente, é a vossa pretensão de nos vir ensinar, oito séculos depois de nós, qual deveria ter sido o nosso procedimento!”* (La Renaissance, Paris, Arthème Fayard et Cie. Éditeurs, 1935).

O anacronismo é erro muito comum entre os historiadores e mais comum ainda em não historiadores que se põem a escrever sobre História. Em filmes e seriados televisivos, então, campeia solto...

O anatopismo é outro erro muito frequente. Parece-se com o anacronismo, mas dele se diferencia por não se referir a tempo, mas a lugar. O anatopismo é uma projeção errada feita no espaço físico e não no espaço temporal; não é um erro cronológico, mas topológico.

No século XVI, alguns índios brasileiros, tupinambás, foram levados à corte da França e lá causaram, como é compreensível, enorme sensação. A partir daí, se generalizou na França, e por extensão na Europa, a ideia de que todos os habitantes do Novo Mundo vestiam-se – ou melhor, não se vestiam – exatamente como os aborígenes brasileiros. Daí aparecerem, nos mapas e nos livros europeus dos séculos XVII e XVIII, ilustrações de incas ou quetchuas, do alto da Cordilheira dos Andes, e de peles-vermelhas das gélidas áreas do Canadá, com a mesma indumentária dos índios brasileiros, ou seja, apenas com tangas. Esse é um exemplo típico de anatopismo.

Outro exemplo: num filme sobre as aparições de Fátima, produzido pelo cinema norte-americano na década de 1950, a aldeiazinha portuguesa em que a Virgem apareceu há precisamente 100 anos, em 1917, foi filmada no México, num ambiente inteiramente mexicano, em que os homens até usavam aqueles *sombreros* imensos... Na ótica de quem fez o filme, México e Portugal eram países latinos e de cultura ibérica; logo, não deviam ser muito diferentes...

Outro exemplo ainda: estou no momento trabalhando na minha tese sobre “Curial e Guelfa”, novela de cavalaria escrita



por autor anônimo da Catalunha, na segunda metade do século XV, cem anos antes de Cervantes ter escrito “El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha”. Trata das aventuras e desventuras de Curial, jovem de origem modesta, mas muito bem dotado, que conseguiu alçar-se socialmente e se transformou no primeiro cavaleiro da Cristandade. Foi sucessivamente amado por três mulheres, em locais diferentes, e afinal, depois de um longo e acidentado percurso, conseguiu casar-se com a primeira delas, sua benfeitora Guelfa, duquesa de Milão.

A certa altura do enredo, Curial naufraga no Mediterrâneo e aporta no litoral africano, onde é aprisionado e tem que servir durante sete anos como escravo de um rico potentado mouro. A filha desse potentado, a bela e infeliz Tamar, apaixona-se por Curial. É ela a terceira das três mulheres que o amaram. Acontece, porém, que essa jovem é prometida, por seu pai, ao sultão de Marrocos, que se apaixonara perdidamente por ela. No drama, impossibilitada de se casar com o escravo Curial e forçada pelo pai a aceitar o casamento com o sultão, Tamar acaba se suicidando.

O anatopismo se nota numa passagem da rica e densa novela. A certa altura, quando o pai, tentando convencer a filha a desposar o sultão, argumenta que ela jamais encontraria outro esposo mais rico e mais poderoso, Tamar, para ganhar tempo, declara ao pai que havia feito voto de desposar o próprio Alá, consagrando a ele sua virgindade. Aí, precisamente, está o anatopismo. Na Europa cristã, existiam conventos femininos onde mulheres consagravam a Deus sua perpétua virgindade; nas tradições culturais do Ocidente cristão, isso era costume já bem assentado, mas de todo inexistia no mundo maometano, onde a única destinação das mulheres era o casamento. O autor anônimo de “Curial e Guelfa”, entretanto, ao imaginar o contexto maometano, insensivelmente projetou para ele algo que era contemporâneo, mas somente existia em outro espaço físico.

O anatopismo é menos frequente que o anacronismo. Mas também é bom tomar cuidado com ele...

## **De volta o velho Capanema? – Considerações sobre a proposta de reforma do Ensino Médio**

A primeira fase do que se poderia chamar, um tanto anacronicamente, de “Sistema Nacional de Ensino no Brasil” foi, sem dúvida, a jesuítica. No período que vai de 1549, quando aqui chegou, acompanhando o Governador Tomé de Sousa, o primeiro grupo de inacianos, chefiados pelo Pe. Manuel da Nóbrega, até 1759, quando Pombal expulsou a Companhia de Jesus dos domínios lusos – foram os jesuítas que promoveram, em todo o Brasil então conhecido, o ensino em todos os níveis.

Digo “em todos os níveis” porque no Colégio da Bahia era ministrada educação em nível superior, sendo conferidos títulos acadêmicos até o grau de Mestre em Artes. O Colégio da Bahia não era formalmente uma universidade e não podia conferir títulos doutorais, mas a formação que ministrava não era inferior à de muitas universidades europeias. O mesmo se deve dizer do Colégio de Goa, que na Índia ministrava ensino de padrão similar ao de Salvador. Não se deve esquecer que foi na Bahia, e exclusivamente na Bahia, que recebeu toda a sua formação o Pe. Antonio Vieira, reconhecido na Europa inteira como um dos homens mais cultos do seu século.

Os jesuítas devem ser entendidos com a mentalidade vigente na época; não podem ser julgados com critérios contemporâneos. Fazê-lo seria anacronismo. No seu tempo, foram educadores excelentes, instituidores do ensino público e gratuito na América lusa. Considere-se que em meados do século XVI, quando menos de 20% da população europeia era alfabetizada, os jesuítas já ensinavam a ler e escrever, em tupi, em português e em latim, a indiozinhos! Eram homens de visão. Nóbrega chegou a formular o projeto de instituir escolas femininas, para as indiazinhas e as filhas de colonos europeus. Somente não o realizou porque não foi aprovado pela Regente D. Catarina, que governava Portugal na menoridade de seu neto D. Sebastião. A razão da negativa é óbvia:

para as mentalidades europeias da época, com a prevalência dos padrões renascentistas calcados na Antiguidade Clássica, o modelo a seguir era o patriarcalista e – no mau sentido do termo – “machista” modelo da Roma Imperial. A proposta de Nóbrega pareceu absurda. E, no entanto, ele a tinha fundamentado com extremo cuidado. Expusera que as mães têm, na formação dos filhos, papel muito mais importante que os pais, de modo que de nada serviria educar os indiozinhos no Cristianismo se as crenças pagãs continuassem a ser transmitidas, gerações afora, por via feminina. O argumento era solidíssimo, mas não convenceu a Regente. Esse caso foi estudado, em pormenores, pelo Prof. Tito Livio Ferreira, em seu livro *História da Educação Lusobrasileira* (São Paulo: Saraiva, 1966).

Durante mais de 200 anos, os jesuítas cuidaram de toda a educação do Brasil. Em 1759, quando foram expulsos por Pombal, mantinham, na América Lusa, um amplo e florescente (se bem que necessitando, sem dúvida, de adaptações e atualizações) sistema de ensino, composto por 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, “*sem contar os seminários menores e as escolas de ler e escrever, instaladas em quase todas as aldeias e povoações onde existiam casas da Companhia*”, como registra Fernando de Azevedo na sua obra clássica *A Cultura Brasileira* (Melhoramentos/EDUSP, 5ª. ed. , 1971, p. 547). Prossegue o mesmo autor:

*“Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, o que sofreu o Brasil não foi uma reforma de ensino, mas a destruição pura e simples de todo o sistema colonial do ensino jesuítico. Não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma organização escolar que se extinguiu sem que essa destruição fosse acompanhada de medidas imediatas, bastante eficazes para lhe atenuar os efeitos ou reduzir a sua exclusão. ... Em lugar de desenvolver esse organismo, de enriquecer, alargar e reformar esse sistema, o Marquês de Pombal o eliminou e, uma vez completada a sua destruição, esperou 13 anos para começar a reconstruir, no período de um governo, o que os jesuítas conseguiram em dois séculos... Mas, se o poderoso ministro de D. José I destruiu, nem ele nem os governos*

*portugueses que lhe sucederam souberam ou puderam restaurar. ... A reforma pombalina planejada para o Reino, não só golpeou profundamente, na Colônia, o ensino básico geral, pulverizando-o nas aulas de disciplinas isoladas (aulas régias), sem qualquer plano sistemático de estudos, como ainda cortou, na sua evolução pedagógica normal, o desenvolvimento do ensino para os planos superiores. Tanto ao ensino médio que se dissolveu no regime de aulas, como ao ensino superior que se achava em esboço no curso de artes do plano jesuítico, subtraíram-se todas as possibilidades de desenvolvimento, com a falta de recursos e dos órgãos necessários a assegurar a continuidade da ação docente e os seus progressos” (op. cit, p. 547-553).*

Após a expulsão dos jesuítas, foram mandados para o Brasil os chamados “mestres régios”, que teoricamente deveriam substituir os professores da Companhia de Jesus. Mas não obtiveram resultado, porque desconheciam completamente a realidade brasileira e nem sequer falavam a língua mais usada pela maior parte dos alunos, o nheengatu. Esse idioma, uma variante derivada do antigo tupi clássico sistematizado e gramaticalizado por São José de Anchieta, foi severamente proibido por Pombal. Não fosse isso, o Brasil seria hoje, como o Paraguai e o Peru, um país bilíngue. Teríamos duas línguas, entendidas provavelmente, e de certa forma compartilhadas, por toda a população, com o enriquecimento cultural daí resultante. Sobre o desastre representado pelo Pombalismo, na educação brasileira, reporto-me a um excelente curso de Iniciação de Língua e Cultura Tupi, que foi ministrado há cerca de 15 anos no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, pelo Prof. Eduardo de Almeida Navarro, tupinólogo da USP. Fiz esse curso e recebi, no final, um diploma escrito em Tupi!

No Brasil independente, tanto no período imperial como na Primeira República, houve iniciativas de ensino público aplicadas em várias partes do Brasil – lembrem-se o Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, e os Ginásios Estaduais criados em quase todo o Brasil depois de 1889 – mas essas iniciativas, embora muito meritórias, nunca alcançaram grande sucesso em termos quantitativos.

\* \* \*

Passemos ao Estado Novo (1937-1945). Sou crítico severo de Getúlio Vargas e de sua ditadura. No tocante ao ensino, porém, julgo que a “Reforma Capanema” foi altamente benéfica. O livro *Tempos de Capanema*, de Simon Schwartzman et alii (São Paulo: Paz e Terra, 2000) apresenta uma visão bastante completa dessa reforma.

O mineiro Gustavo Capanema era homem de ampla cultura. A partir de 1942, em plena ditadura estadonovista, elaborou as Leis Orgânicas do Ensino, com inspiração humanística e clássica, fortemente influenciadas por dois jesuítas de grande cultura, que eram conselheiros do Ministério da Educação – Padres Leonel Franca e Arlindo Vieira. As regras instituídas por essa reforma, inspirada na famosa *Ratio Studiorum*, da Companhia de Jesus, privilegiavam a formação humanística, sem esquecer as áreas das Exatas, a das chamadas Ciências Naturais e a formação profissionalizante. A “Reforma Capanema” vigorou no Brasil, plenamente, até o início da década de 1960. Verificou-se, durante sua vigência, um ensino público de alto nível, tendo como único ponto negativo o fato de atingir um número pequeno de alunos. As escolas públicas da época ministravam um ensino muito bom, extremamente rigoroso. No máximo, tolerava-se uma repetição de ano; caso o aluno não se emendasse e repetisse novamente, era “jubilado” – eufemismo que significava ser expulso da escola, já que não se admitia que malandros ocupassem o lugar de outros alunos mais dispostos a realmente estudarem. Havia escolas particulares de excelente nível no Brasil, geralmente de instituições confessionais católicas ou protestantes, mas não ministravam ensino significativamente melhor do que o oficial. Os egressos de escolas públicas, dos Cursos Clássico e Científico (as duas principais vertentes em que se desdobrava o Ensino Médio, da época), que desejavam prosseguir estudos universitários não tinham dificuldade para obterem aprovação nos exames vestibulares, que naquele tempo não

constituíam a barreira terrível (verdadeiro mata-burro!) em que mais tarde se transformariam.

Havia, isso sim, um verdadeiro terror na época, que eram os exames de admissão ao Curso Ginásial. Eu, que nasci em 1954, ainda peguei, aos 10 anos de idade, esse exame, que era realmente aterrorizante... Só os melhores conseguiam superar essa barreira. Muita gente parava no ensino primário, o qual, no modelo de Capanema, já dava uma boa base para a maior parte das profissões – digamos – modestas. Saía-se do ensino primário sabendo ler e escrever com correção, sabendo muito bem as operações matemáticas fundamentais, e com noções gerais sólidas, embora rudimentares e superficiais, sobre História e Geografia do Brasil.

No Curso Ginásial, que era então de quatro anos, aprofundava-se bem mais o aprendido no Curso Primário, e estudava-se Latim, Francês, (às vezes também Inglês e Espanhol), História Geral, Geografia do Brasil e do Mundo, Ciências Naturais, Trabalhos Manuais, Noções de Higiene e Moral etc. Do Ginásio, saía-se habilitado para a grande maioria das profissões “médias” – para ser funcionário público, para se empregar no comércio ou para “trabalhar em escritório” – o que, para filhos de operários, significava uma enorme promoção social e econômica. Não havia exame vestibular para o Clássico ou Científico, mas a imensa maioria dos alunos optava por parar, ali mesmo, os estudos, ingressando desde logo no mercado de trabalho.

Os que desejavam continuar faziam-no já visando ao futuro Curso Superior, que na época se resumia quase exclusivamente aos três tradicionais cursos de Direito, Medicina e Engenharia, pois os outros cursos superiores ainda eram uma novidade; ou faziam o Curso Normal, que habilitava muitas mocinhas (e alguns poucos mocinhos) para lecionarem em escolas primárias; ou, ainda, optavam por algum curso técnico, como o de Contador ou o de Comércio.

Uma jovem formada pelo Curso Normal era prestigiada e muito bem paga. Geralmente, as “normalistas” faziam

ótimos casamentos, por todo o interior do Brasil, com advogados, juízes, médicos, promotores ou filhos de ricos fazendeiros. O samba “Normalista”, de Nelson Gonçalves, exprime bem a figura clássica da “normalista” (*Vestida de azul e branco / Trazendo um sorriso franco / No rostinho encantador / Minha linda normalista / Rapidamente conquista / Meu coração sem amor...* <https://www.letras.com/nelson-goncalves/261107/> )

A Reforma Capanema, que vigorou no país por cerca de 20 anos, proporcionava, repito, um ensino excelente, considerando as condições do tempo. A meu ver, seria preciso tê-lo ampliado e generalizado, corrigindo o defeito de ser pouco disseminado no conjunto da sociedade. Em outras palavras, havia que democratizá-lo sem abaixar seu nível. Infelizmente, não foi o que aconteceu.

\*\*\*

Em 1962, o governo esquerdista de João Goulart promulgou a primeira das várias Leis de Diretrizes e Bases do Ensino, propondo uma transformação radical, gizada, segundo constou, por Darcy Ribeiro. A meta era democratizar o ensino. Desde logo foi abolido o Latim e foi intensificado o ensino de “ciências aplicadas”. Para sete anos depois, previa-se a modificação, também, do ensino de nível médio.

Eu, pessoalmente, sofri muito com essas mudanças. Já não peguei Latim no meu Ginásio (cursado de 1965 a 1968), falta que lamento profundamente, e que precisei remediar estudando e aprendendo o Latim por conta própria. E, exatamente quando concluí o Ginásio e deveria ingressar no Clássico, fui forçado a ingressar, no início de 1969, num curso médio novo, chamado Colegial, que me obrigou a suportar dois anos de Matemáticas, Químicas, Físicas e Biologias que eu detestava... Fiz parte da primeira geração de alunos que não puderam mais optar por fazer o Clássico ou o Científico.

É interessante notar que a grande reforma do Ensino feita pelo Regime Militar, tido geralmente como “de direita”, reforma que foi desastrosa e desmantelou o ensino público

tradicional, foi inteiramente gizada pelo governo “de esquerda” de João Goulart. Isso, pouca gente sabe e comenta hoje em dia, mas é a pura verdade. Como dizia o Y-Juca Pirama, posso dizer e sempre digo: “*meninos, eu vi*”...

Ao longo dos anos 1970 e 1980, cada vez mais foi decaindo o Ensino Público, ao mesmo tempo que subiam propagandisticamente todos os índices de escolarização do povo brasileiro. Era um progresso meramente quantitativo, que disfarçava lamentável decadência qualitativa. Foram se multiplicando os casos de “analfabetismo funcional”, com pessoas que passaram 8 ou mais anos em escolas, aprenderam a ler mas não conseguem ler mais do que letreiros de ônibus, placas de ruas ou *slogans* de propaganda. São incapazes de ler e entender textos escritos de 15 ou 20 linhas.

Depois do fim do regime militar, em 1985, tivemos a redemocratização do Brasil, mas infelizmente não foram corrigidos os erros do passado recente; pelo contrário, foram ainda mais acentuados. Desde então, o analfabetismo funcional se intensificou e generalizou, e assistiu-se a uma criação enorme e desordenada de cursos superiores, que diplomam em série pessoas que, “nos tempos de Capanema” não obteriam sequer diploma de Ginásio... A situação não mudou com a Constituição de 1988, muito embora esta tivesse, no seu texto, incorporado a afirmação categórica de que é obrigação do Estado ministrar o Ensino e que é direito de todo brasileiro receber educação pública e gratuita, nos níveis e nas faixas de idade previstas por lei. Tampouco mudou com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada pelo Governo Fernando Henrique Cardoso em 1996, e mais tarde, já no Governo Lula, em parte modificada.

Eu atualmente leciono num curso universitário de Pós-graduação *lato sensu* e encontro, por vezes, alunos que não têm a menor capacidade para ler e entender um texto, menos ainda para redigir um texto próprio. E já passaram pelos ciclos anteriores de ensino e concluíram um curso superior! Como passaram, isso não sei nem posso saber...



A *débâcle* do ensino no Brasil é, hoje, incontestável. Em todos os exames internacionais, comparativos de desempenho de alunos de muitos países, conquistamos o primeiro ou o segundo lugar... de baixo para cima! Ou seja, somos sempre o último ou o penúltimo colocados.

Modismos pedagógicos, como por exemplo o nefasto “construtivismo”; modismos ideológicos, como a tal “pedagogia paulofreiriana”; uma pretensa “democratização” mal entendida; a proibição de aplicar nas escolas princípios meritocráticos, porque “lesivos dos direitos” dos não mercedores; a proibição de se aplicar, nas escolas, uma boa disciplina – tudo isso contribuiu para destruir o ensino brasileiro.

A minha geração (tenho 62 anos), que estava na adolescência quando ocorreu a revolta de maio de 1968, na Sorbonne, assimilou infelizmente a ideia de que todos têm direitos ilimitados a fazer o que bem entendem (o lema dos revoltosos era precisamente este: “*É proibido proibir.*”), e que todos têm, portanto, o direito de não cumprir os próprios deveres... Essa ideia foi a que inspirou todo o ensino nas últimas cinco décadas. Deu no que deu... É claro que, na escola anterior, nos tempos do Capanema, havia muita coisa errada, que por vezes se excedia no rigor, que muitos alunos sofriam com o sistema. Eu mesmo sofri. Mas a escola funcionava.

Que podemos fazer agora, para remediar tantas décadas perdidas?

\* \* \*

Neste pequeno ensaio sobre a reforma do Ensino Médio, foi indispensável fazer um retrospecto histórico, para se entender a situação do ensino no momento atual. Como já assinalado, a *débâcle* do ensino brasileiro é, hoje, fato incontestável, ninguém ousa sequer pô-lo em dúvida.

Que acrescentar a respeito do problema da indisciplina? Enquanto prevalecer a ilusão “politicamente correta” e de vaga inspiração rousseauiana de que é possível educar deixando o educando sempre fazer o que tem vontade de fa-

zer, sem nunca lhe impor regras, limites e balizas, não vejo solução. Isso vale para a educação formal, nas escolas, mas vale também (e até muito mais) para a educação não-formal, sobretudo aquela recebida em casa, no ambiente familiar.

O Chile é um país que seguiu um caminho paralelo ao nosso, mas passou por experiências traumáticas muito mais violentas do que as nossas. Teve três anos de regime comunista de fato, seguido de um longo período de ditadura militar verdadeiramente violenta, nem de longe comparável à brasileira. Sucederam-se, depois da redemocratização, governos de direita e de esquerda, mas sempre mantiveram inalterada uma política educacional baseada em princípios diametralmente opostos aos que vigoraram (e ainda vigoram) no Brasil: disciplina séria, rígida meritocracia e ampliação da escolaridade sem diminuição do nível de ensino. Os bons resultados são visíveis lá, em contraposição ao que temos aqui.

A par do problema da indisciplina, há outro, de fundo, que precisa ser considerado. Qual deve ser o papel do Estado em matéria de educação e ensino? Respondo que esse papel não deve corresponder à visão hobbesiana de um gestor e protetor universal, mas apenas de órgão fiscalizador do bom desempenho geral. O papel formativo e educativo compete, antes e acima de tudo, à família. É ela, e não o Estado, que está no início do processo educativo. Ao Estado apenas supletivamente cabe o dever da educação, mas fundamentalmente é à família que esse dever incumbe. O Estado não pode se colocar no papel de educador universal, passando por cima dos legítimos direitos e deveres da família e pretendendo legislar até sobre os modos com que os pais devem ou não devem educar os seus filhos. Muito dos descaminhos pelos quais vem trilhando o sistema educacional brasileiro nas últimas décadas tem origem na intelecção hobbesiana e hipertrofiada do papel do Estado na educação.

Concluo estas considerações, em função do que foi exposto e no contexto que acabo de mostrar, dizendo que, no meu modo de entender, há duas urgentes demandas a serem atendi-

das na indispensabilíssima reforma educacional brasileira:

1) Repensar os currículos escolares em função da realidade cultural dos alunos, em cada ambiente específico. O desafio é fazê-lo de modo orgânico, natural, sem dirigismos, sem imposição de ideologias e modismos pedagógicos etc., e mantendo um mínimo de unidade nos parâmetros escolares do Brasil inteiro.

2) Ampliar quantitativamente o acesso às escolas das faixas de população ainda não atingidas. O desafio é fazê-lo conservando um nível qualitativo suficiente.

No momento em que redijo este texto, continua sendo amplamente discutido o projeto de reforma de Ensino Médio, proposto por Medida Provisória pelo Presidente Michel Temer. Segundo o próprio Presidente, a meta de sua MP foi trazer à ordem do dia e despertar debates sobre projetos que, há anos, dormitam nos escaninhos do Legislativo. Se essa foi a meta, é preciso reconhecer que está sendo atingida. Entrando mais no mérito do que foi proposto, confesso que vejo com simpatia a proposta de reduzir a carga (desnecessária e prejudicial) de matérias obrigatórias do Ensino Médio, reservando a segunda parte desse ciclo escolar a matérias optativas, mais adequadas ao curso superior que cada aluno tem em vista seguir posteriormente.

Curiosamente, o que ele propõe é, de certa forma, um retorno parcial ao modelo do velho e saudoso Capanema...

### Fontes e bibliografia:

Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: Senado, 1996.

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 5ª. ed., 1971.

FERREIRA, Tito Livio. *História da Educação Lusobrasileira*. São Paulo: Saraiva, 1966.

SCHWARTZMAN, Simon et alii. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA  
CAPELETI**

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

### **Bodas e Desbodas**

Recebi, por e-mail, uma lista completa com os nomes dos aniversários de casamento, desde o primeiro (bodas de papel) até o centésimo (bodas de jequitibá). Parece uma curiosidade pouco útil, mas quem enviou incluiu uma série de presentes, que eu poderia comprar *online*, de acordo com a comemoração. Para um ano de casamento, luminárias de papel japonesas ou um conjunto de elegantes papéis de carta e envelopes com o monograma do casal eram as sugestões. Sério que ainda se usa papel de carta personalizado? Sério mesmo que alguém espera completar cem anos de casamento? Isso é otimismo ou pessimismo?

Sejamos realistas, a dinâmica familiar atual permite aniversários de dois, três, cinco anos de casório (bodas de algodão, trigo e madeira), mas bodas de ouro exigem uma força de vontade que beira o comodismo. Então o jeito é comemorar os descasamentos e instituir as festas de desbodas. Se, com um ano de casados, celebramos bodas de papel, um ano de separação equivaleria às desbodas de papelão porque, nessa altura do campeonato, um dos ex-cônjuges ainda estará criando situações embaraçosas para o outro.

As desbodas de aglomerado marcam o quinto ano de descasamento. É quando o último móvel de madeira vagabunda (comprado às pressas, na hora do cada um pro seu canto) finalmente se desmancha. Conforme o tempo passa, diminuem as mágoas, novas uniões acontecem, mas o material das desbodas continua menos nobre. Onze anos de casamento, por exemplo, equivalem a bodas de aço. Já onze anos de des-

casamento não passam de desbodas de ferrugem.

Aí vai uma lista com algumas bodas e desbodas. Façam suas combinações e comemorem.

2 anos	Bodas de Algodão	Desbodas de Estopa
3 anos	Bodas de Trigo	Desbodas de Joio
15 anos	Bodas de Cristal	Desbodas de Acrílico
20 anos	Bodas de Porcelana	Desbodas de Isopor
30 anos	Bodas de Pérola	Desbodas de Miçanga
35 anos	Bodas de Coral	Desbodas de Craca
40 anos	Bodas de Esmeralda	Desbodas de Azinhavre
50 anos	Bodas de ouro	Desbodas de Piritá
60 anos	Bodas de Diamante	Desbodas de Zircônia
65 anos	Bodas de Platina	Desbodas de Plutônio

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA  
FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

## **Consciência cósmica**

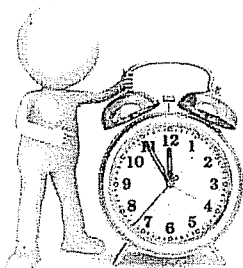
Passo a rever o mundo por outro prisma. De um período disponível diário comecei a visualizar espaços que havia abandonado. Deus me chama para um momento de contemplação...

Vejo agora águas como cintilantes brilhantes que tocam minha pele que exalta de alegria.

Veze outras, observo nuvens que se exibem em formatos que tornaram a habitar minha imaginação. E o sol, que toca e aquece minha alma, anteriormente repleta dos fungos de escritórios tardios.

E sigo em um outro passo aprendendo um novo respirar, absorvendo biomas e poentes lascivos. O dia é um poema com micro metáforas que causam macro sensações de felicidade, segundo a segundo.

O relógio voltou a ter o terceiro ponteiro, há muito esquecido, que me faz integrar como humano que sou o direito a ser plenamente feliz!

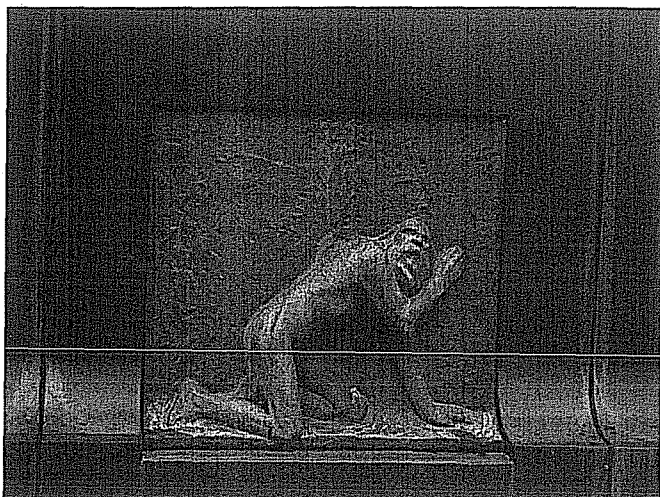




### **Constatação**

Sou feita desta matéria  
De ausências de mim  
Que povoam rotinas  
No meu próprio prospecto

Inexistente formato fantoche  
Factível ao social  
Caminhante errante  
Carente de qualquer autenticidade.



### **Inútil batalha**

E o teu clamor não mais ressoa  
Ecoa apenas nos recantos vazios

Deus eus eus eus

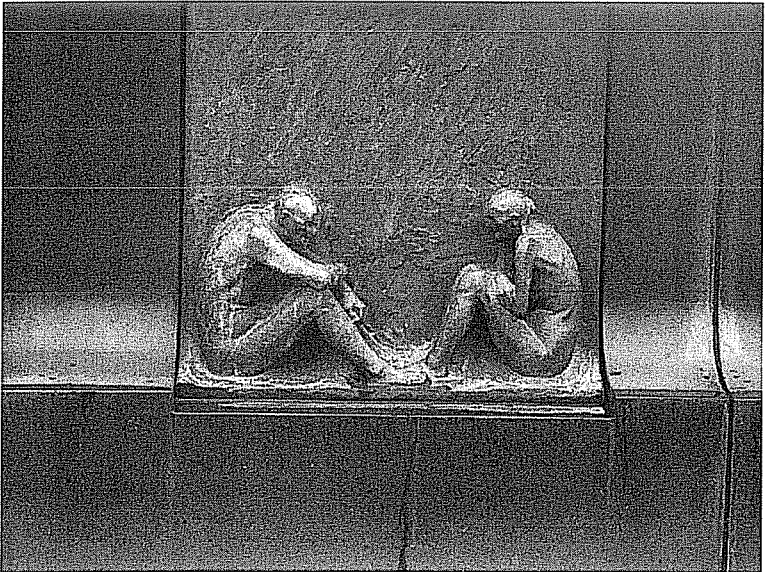
Piedade ade ade ade

Me ajude jude jude jude

Tudo se transforma no processo solitário  
De você com sua parca alma  
Reverberada em inútil lamúria

Aos poucos a voz cessa exausta  
Da procura do que foi perdido  
Na incorreta labuta diária...





*Frogner Park  
Oslo – Noruega  
Gustav Vigeland*

## Senilidade

E para os cantos são acuados  
Solitariamente  
Cada qual com seus resquícios de sobrevida

Não se enxergam  
Nem mais se complementam  
Apenas um incomensurável vazio...

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI**

Cadeira nº 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

### O elo eterno

Final da segunda guerra mundial...

Matsumoto pilotava o caça japonês tipo ZERO em sua ultima viagem sem volta. Com o lenço branco enrolado no pescoço, tinha somente um destino em mente, tal como fora treinado o kamikaze. Com o avião carregado de bombas, iria se espatifar entre os aviões e soldados na base aérea americana de Tinian, uma das ilhas Marianas no oceano Pacífico.

Sentado sozinho no banco do piloto, com o manche entre as pernas, voava baixo para não ser localizado pelos radares inimigos naquela sua missão suicida.

Voava tão baixo que algumas cristas de ondas do mar conseguiam até atingir seu pára-brisas.

O cheiro de maresia, misturado com gasolina e fumaça do motor roncante, levava-o a um estado sonolento e hipnótico, apesar da excitação do combate.

Pela fresta da carenagem deixada por uma bala inimiga no combate do dia anterior, entrava um vento frio que gelava a espinha.

Seus olhos fixos na posição nordeste da bússola não pareciam enxergar, somente viam o acinzentado da madrugada, quando no horizonte o céu se confundia com o mar.

Tratado desde a mais tenra idade com a disciplina espartana do japonês, tinha a mente fixa em explodir-se na base aérea e matar o máximo de inimigos destruindo seus aviões.

Olha para suas mãos firmes no manche, e o brilho da aliança de ouro do casamento reflete os primeiros raios do sol nascente, que atingem suas pupilas dilatadas pelo estado hipnótico.

Como o primeiro elo de uma cadeia de pensamentos, passa pela sua mente o dia do casamento, quando o sino agudo da cerimônia budista o fez colocar o anel sagrado no dedo.

A seguir, o dedo da esposa recebendo suas promessas através da aliança. Os elos de pensamento foram se unindo, lembrou do dia do nascimento de Sussumo, o filho mais velho, agora com cinco anos e Tomie, a filha recém-nascida, que viu somente por algumas horas...

Os elos do pensamento passeiam no passado, a infância alegre ao lado dos pais e dos dez irmãos, em plena felicidade, todos em Hiroshima. Sem a barreira do tempo essa corrente de pensamentos mergulha no futuro, mas nada vê, tudo esta escuro. Percebe então que voava para o nada, aquela não era a sua guerra. Lá embaixo, já vislumbrava a base aérea forrada de aviões e os soldados americanos municavam um dos aviões com uma bomba que por sinal no vôo rasante de reconhecimento conseguiu até ler o nome inscrito nela, LITTLE BOY. Pensa que todas aquelas pessoas eram como ele, tinham pais, filhos, esposas, seres amados, que iriam sofrer muito se realizasse sua missão. Mas não podia voltar vivo, pois isso era desonra para um japonês.

Próximo aos aviões, vê um navio abandonado e semi destruído, que estava junto à praia naquela ilha, vira o nariz do avião ZERO para o mesmo, acelera ao máximo e explode espetacularmente. As pessoas da base foram salvas pelo elo de sua aliança.

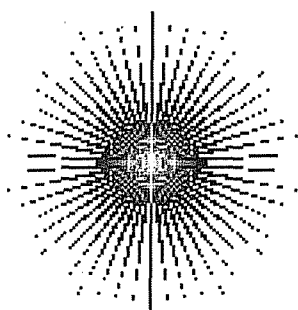
No dia seguinte, vinte e sete de julho de 1945, os jornais do mundo anunciam:

– Hiroshima varrida do mapa pela bomba atômica LITTLE BOY.

Ainda entorpecido pela explosão que despedaçara o seu corpo, o espírito de Matsumoto, já há dias flutuando pelo mar, vê um barco luminoso se aproximando para içá-lo.

Um braço se estende para ele, e quando segura a mão amiga, reconhece num dos dedos o elo da aliança que veio socorrê-lo.

Eram sua esposa e filhos e na popa do barco ainda notou seu pai, sua mãe e os nove irmãos, todos mortos na explosão atômica de dias atrás.



### **O ponto**

Na volta para casa, quando parou no sinal vermelho, lá pela meia-noite, só se lembrava do clarão luminoso seguido do estrondo seco que saiu do ponto diretamente para seu peito. Era um assalto. Tentara acelerar, mas a bala, mais rápida, o alcançara antes mesmo que o pé do acelerador chegasse ao meio da trajetória.

Agora, jazia ali, com um ponto no peito, do qual jorrava o líquido rubi da vida.

Caíra sobre a buzina, que disparada, gritava por socorro. A vista, já embaçada, mostrava um ponto vermelho que se aproximava piscando ao longe, seguido de uma sirene fina, devido à compressão das ondas sonoras pelo efeito Doppler.

Deitado na maca, imóvel, olhos semi-abertos e fixos no ponto marrom escuro da pinta no centro da testa do bombeiro, que a sua cabeceira segurava e corria com a maca, transpondo o beiral de sua esperança ao entrar no hospital.

Um ponto de luz brilhante se aproximando de um de seus olhos, era a pequena lanterna do médico a examinar sua pupila já quase midriática.

O quase ainda significava vida. Suas roupas cortadas, quase arrancadas, os choques fazendo seu corpo se contorcer, tentando acordar o coração que já dormitava.

Os pontos do frasco de sangue que pingavam rapidamente em forma de gotas, como uma chuva fraca querendo aplacar e vencer a mortífera seca do sertão nordestino.

Pelo ponto do seu tórax, penetra o bisturi brilhante e frio, transformando o ponto unidimensional em uma linha bidimensional, quase separando seu tórax em dois.

Mãos benditas seguiam a trajetória do ponto por entre e através dos órgãos que choravam lágrimas rubras. Mãos ágeis, iam cerzindo os tecidos rotos nesse trajeto mortífero.

Por fim, o ponto cinza, chumbo do trinta e oito alojado junto à oitava vértebra, que tal qual um goleiro, aparara o petardo contundente ao lado da aorta que, ferida de morte, espirrava o precioso vinho da vida.

Um ponto luminoso brilhava no teto como a atrair aquele moribundo, que quanto mais fechava os olhos, mais se abria o ponto a jorrar luz. O ocupante do corpo deixa o personagem e mergulha no ponto, não de corpo e alma, mas somente de alma, pois por ali o corpo não passaria.

Ao se atirar nesse ponto brilhante, que exalava felicidade e paz, sentiu como que um cordão de luz prateado a puxá-lo de volta. Impossível rompê-lo naquele momento.

Voltou triste, desistindo do mergulho. O médico fechara o último ponto.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EDSON RONTANI JÚNIOR**  
Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

### **Os 20 anos do celular**

Seria difícil imaginar que tudo caberia na palma de nossa mão. A televisão, o aparelho de som, o cinema, o telefone, a máquina de datilografar... Tudo isso unido no smartphone, ou o telefone celular que há 20 anos foi implantado comercialmente no Brasil. Trouxe tantas facilidades que se tornou objeto de desejo, de consumo, de ostentação assim como foram nos anos 80 o relógio de pulso com calculadora, a lapiseira com grafite e o toca-fitas de carro acoplado a um equalizador.

Quando se fala que o aparelho de som ou o cinema cabe hoje na palma da mão, não é mentira. Até o início dos anos 80, o filme em 16 mm ou o Super 8 eram a diversão das famílias que se reuniam na sala da casa, apagavam as luzes e assistiam filmes no período pré vídeo-cassete. Época em que o aparelho 3x1 ocupava um volume considerável na sala de estar ou no quarto além de que eram necessários largos espaços para acondicionar os LPs.

O celular foi inventado por Martin Cooper, engenheiro da Motorola, em 1973. Demorou muito para se popularizar pois o ser humano não descobria a tecnologia para torna-lo consumível, ou seja, barato para cair nas graças do consumidor. Os primeiros aparelhos funcionavam ligados aos veículos que por sua vez eram estações móveis que enviavam sinais para algum ponto fixo. A tarifa era um absurdo.

Em meados dos anos 1990, a Telesp inicia seu processo de expansão, criando células em todo o estado de São Paulo. O telefone ainda era visto como concessão pública. Em Piracicaba, como em todo o estado de São Paulo, eram feitas inscrições e sorteios dos números. Nada igual ao que hoje temos

numa situação em que você vai a uma loja e já sai falando no aparelho. Me lembro que a fila de inscrição era quilométrica. Algumas vezes eram feitas no Ginásio da Esalq para atender a demanda de interessados. O sorteio era feito em locais grandiosos como o Clube Coronel Barbosa, a exemplo do que ocorre hoje com o sorteio de casas populares por vezes realizados no Estádio Barão da Serra Negra. Fazia-se a inscrição, torcia-se pelo sorteio e depois rezava-se pela habilitação do serviço no aparelho. Aliás, aparelhos eram os famosos “tijolões” da Motorola que necessitava puxar a antena e abrir o bocal. Era pesado e quem não levasse consigo uma bateria reserva poderia não ter o aparelho funcionando.

O ministro da comunicação Sérgio Motta, falecido em 1998, falava que “o brasileiro, um dia, vai entrar num supermercado e sair falando em um celular”. Deu no que deu. Hoje há uma oferta assustadora no mercado e uma busca incessante por este aparelho antes confinado para conversas familiares, recordações com os entes queridos e para ouvir tristezas ou alegrias. Servia também para namorar, apenas para ouvir as vozes das pessoas e a rede social de então era restrita aos bares, restaurantes, aniversários ou almoços de domingo.

O telefone servia para prender as pessoas em casa, pois até os anos 70, muito antes da criação do DDD (Discagem Direta a Distância) era preciso pedir à telefonista que completasse a ligação. E isso não era imediato. Você tinha de ficar o dia todo esperando a telefonista retornar para completar sua ligação e aí sim conversar com aquele parente distante ou nem tão distante assim, mas que poderia estar em São Paulo, por exemplo.

Hoje, com tanta tecnologia, é possível pegar o celular e ligar instantaneamente para Donald Trump, em Washington. Não é verdade? Se ele vai atender ... aí, já é outra história ...

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ESIO ANTONIO PEZZATO  
Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio Ângelo Cobra

### A lenda do Salto

Antigamente, muito antigamente,  
Bem antes de existir Piracicaba,  
Neste recanto belo e reluzente,  
Quando aqui nem havia um emboaba  
Que fizesse crescer a fúria ardente  
Do Cacique-pajé morubixaba,  
Nosso Rio era calmo e não possuía  
O Salto esbravejante de porfia...

Dessa época perdida na distância,  
Quando dos Paiaguá guerreira tribo  
Mostrava toda a sua exuberância,  
Alimentando-se de peixe e cibo  
Que na região havia em abundância,  
Que os índios eram rápidos no estribo  
Para caçar a gorda capivara  
Que de seu bando atroz se descuidara...

Dessa época perdida no passado,  
Que as mulheres vestiam-se de pedra  
Para ocultar as partes do pecado,  
Que a paisagem de forma poliedra  
Era um caleidoscópio iluminado,  
Onde o sonho, na mente ardente medra,  
E traz inspirações e devaneios  
Que fazem palpitar os rubros seios...



Dizia-se dessa época tão linda,  
Que uma aldeia de rudes pescadores  
(Que aqui vivia numa paz infinda  
Co'os Paiaguá – há muito moradores  
Que de caça viviam na berlinda)  
Tinha no coração ternos amores  
Por uma índia que, em noites de alva lua,  
No Rio se banhava toda nua...

Os seus seios, em forma de alabastros,  
Eram eretos, firmes e pontudos...  
Seus olhos eram dois brilhantes astros  
Cintilando a distância, em céus agudos...  
E os cabelos de luz negros, desnastros,  
Para os seios formavam dois escudos,  
Quando ela, num sonhar airoso e lindo,  
Sobre as pedras, quedava-se dormindo.

Porém, um pescador, a passo intrépido,  
Uma noite seguira a índia formosa...  
O olhar – na noite atento! o passo – lépido!  
Somente descansou ao ver a rosa  
À beira-rio em devaneio tépido  
Desnudar-se e ficar maravilhosa,  
Deslumbrante, tingida pelos raios,  
Que a alva lua jorrava entre desmaios...

Ness'hora, – coração em rubra chama, –  
Não pode se conter... foi para perto  
De onde brilhava a sua etérea dama  
E pouco mais se vira descoberto  
Pela bela índia que socorro clama...  
E ao se ver, nua e só, de peito aberto,  
Tenta fugir, mas leva em seu encalço,  
As chamas de um amor em doce balso!

Doida corridal!... aqui, ramos de espinhos  
Prendem chusmas de sua cabeleira...  
Mais além, insinuantes burburinhos,  
Fazem a alma gemer de tremedeira...  
Tenta se aventurar noutros caminhos  
Mas sente-se perdida na canseira...  
Para. Espreita. E percebe a amplos espaços,  
A cadência frenética de passos...

Quando a lua no céu se descortina  
E se mostra no cosmos mais brilhante,  
Ela deixa a inocência de menina  
E se envolve num sonho fulgurante...  
Dos astros soa celestial buzina  
E ela vendo-se só na noite ebriante,  
Sentindo o coração bater mais forte,  
De corpo e alma se entrega nesta sorte...

... E quando eles se viram frente a frente,  
Palavra alguma então foi pronunciada,  
Mas um beijo selou de forma quente  
O encontro dessa noite apaixonada.  
Grande silêncio foi unicamente  
Testemunha da longa madrugada,  
Que viu nascer o amor sublime e puro  
Que iria eternizar-se no futuro!

Dentro da noite imensa, ardentes beijos,  
Foram trocados pelos dois amantes,  
E quando os corpos, plenos de desejos,  
Em prazeres se uniram roçagantes,  
Os astros acenderam seus lampejos  
E na noite ficaram mais brilhantes,  
Para saudar no meio da floresta  
As almas que se uniam numa festa!

E paz tão pura assim, jamais foi vista...  
Em carinhos passeavam pelos prados  
Que abençoavam num canto de solfista  
Esses amantes tão enamorados...  
Quando a tarde morria, o sol em crista,  
Mostrava prismas mágicos, dourados...  
E rasteiros no chão, broslados goivos,  
De tálamo serviram para os noivos!

Na doce paz, na bem-aventurança,  
Por esses mais exóticos recantos,  
Os dois viveram cheios de esperança,  
Falando, tão-somente, em doces cantos,  
A linguagem de amor que não se cansa  
De ouvir os corações que tem encantos.  
– Velho Jequitibá no alto cerrado  
Celebrou o Himeneu deste noivado!

Porém, o Rio, que guardava em sua  
Corrente aquela essência de perfume  
De um corpo em provocante forma nua,  
Do moço pescador sentia ciúme...  
Fora ele que, ao reflexo de irial lua,  
Roubara a índia, que tinha por costume,  
Nas noites de luar esplendoroso,  
Ir, em seu leito, suspirar de gozo...

Triste, o Rio fazia a sua prece,  
Para o amor que o deixara abandonado.  
Nas noites de luar, sem interesse,  
Ele corria só, desamparado...  
– Mas um antigo amor jamais se esquece!  
E eis que a índia, tendo o coração marcado,  
Em certa noite que brilhava a lua,  
Quis ir banhar-se totalmente nua.

Mal sentindo de perto aquele cheiro  
Que em frêmitos de amor o provocava,  
Pôs-se o Rio a rugir alvissareiro!...  
Em suas pedras tenazmente escava  
Uma cadeia e deixa prisioneiro  
– Como se fosse assim a sua escrava! –  
Aquele corpo esplêndido e perfeito  
Que se banhava nu sobre o seu leito!

Porém, o jovem pescador, sentindo  
O perigo real de sua Amada,  
– Músculos retesando, a voz bramindo,  
Enfurecido, não pensando em nada,  
Entra no Rio em destemor infindo  
E nadando, braçada após braçada,  
Tenta agarrar, na fúria que o norteia,  
Seu amor que está preso na cadeia!...

Travou-se a intensa luta de gigantes...  
O Rio, para não perder aquela,  
Por quem nutria sonhos delirantes,  
Enfurecido, em uivos de procela,  
– Adamastor de presas penetrantes! –  
Prendendo a índia em pedregosa cela,  
Estruge em lutas, em saraivas, gritos,  
Que reboam nos vastos infinitos!

É luta colossal!... No férreo embate  
– Não querendo perder a sua presa,  
O Rio não se cansa do combate...  
E co'a força da própria natureza  
Não deixa ao jovem, chances de resgate,  
Arrastando-o na sua correnteza,  
Gritando, praguejando em sobressalto,  
Pois de cadeias tinha agora o Salto!

Ainda hoje, quando brilha a lua cheia,  
E quando o Salto dorme por instantes,  
Quem estiver passeando junto à areia  
De suas margens, ouve delirantes  
Gemidos... É a índia presa na cadeia  
Que triste chora as mágoas dos amantes  
Que vivem sós dentro da imensa noite,  
Sem ter o amor antigo que os acoite.

E diz-se, quando brilha intensa a lua,  
Se ouvir a voz dessa sereia, um jovem  
Entra no Salto, e a busca, e se insinua,  
As cadeias febris loucas se movem  
Para ocultar a sua Iara nua...  
E parecendo enfim que dos céus chovem  
Diluvianos marnéis em alvoroço,  
A alma do jovem leva para o Poço!

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE  
Cadeira nº 23 – Patrono: Leo Vaz

### Lembrança de Jorge “amado” Chiarini

Nunca é demais falar, em Piracicaba e especialmente no âmbito da Academia Piracicabana de Letras (APL) – que, neste 11 de março, completa 45 anos de fundação –, de João Chiarini, o professor, o jornalista, o escritor, o tribuno e, acima de tudo, do animador cultural que Piracicaba pode ter séculos pela frente. Sua obra poética, “Argamassa”, um conjunto de manifestações sociais em versos livres, será a grande divisora de águas do seu trabalho intelectual, tenho certeza. É que, ainda, um crítico da área, técnico, não parou para analisá-la profundamente.

E falar do “amado” João Chiarini sem falar de Jorge Leal Amado de Faria, para quem conheceu bem o primeiro, parece que não tem graça. E, dos mais brilhantes jornalistas de Piracicaba, Roberto Antonio Cera, o Cerinha, sabe bem, muito bem, a que me refiro. Numa certa roda, qualquer que fosse, Chiarini chegava e falava de Jorge Amado, o escritor, com desenvoltura, sossego, quase tudo de cor e salteado, e que havia ligado para ele ou que Jorge tinha lhe telefonado. E se alguém lhe perguntasse de que Jorge – dizia ele apenas Jorge, sem o Amado – “qual Jorge?”, tranquilamente um nome feio saía daquela língua ferina.

É que Jorge Amado, já com Zélia Gattai, foi padrinho de casamento de João Chiarini e Tita – apelido carinhoso de dona Iraídes –, a sempre doce Tita que nos recebia com afeto na casa dos chás gelados da rua Santo Antonio. De tantas histórias e tanta leitura, pois era ela, a Tita, a grande devoradora de livros e mais livros da imensa biblioteca do autor de “Argamassa”. Talvez lenda, mas se dizia que, no dia do casamento,

Chiarini deixou a jovem esposa e ficou, horas e horas, a conversar com o seu “amado” Jorge Amado e, lógico, com Zélia e a própria Tita. Lua de mel, naquele tempo, ficou para depois! Lenda? Não sei.

Era sonho de Chiarini que o laureado e louvado escritor baiano viesse em 1972, naquela tarde de 11 de março, um sábado, no antigo prédio da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), para a instalação da sua (e nossa) sonhada Academia Piracicabana de Letras, hoje presidida pelo acadêmico Gustavo Jacques Dias Alvim, vereador à época e que representou o Poder Legislativo de Piracicaba em tão concorrida cerimônia. Não veio Jorge, o “amado” de Chiarini, mas vieram figuras destacadas da cultura na época, como Flávio Carvalho, Norlândio Meirelles de Almeida – o doutor em Castro Alves – e um sobrinho-bisneto do autor de “Navio Negreiro”, então diretor da Aços Villares, empresa da família em São Bernardo do Campo.

E muito se falou de Jorge Amado, “amado” de João Chiarini, naquela sessão solene, cheia de medalhas e até medalhões, de pessoas simples, pescadores, cantadores de cururu, violeiros, sanfoneiros, que foram prestigiar o professor e mestre do folclore caipiracicabano, João Chiarini – o livro “Cururu” basta como citação – já assentado ao lado do “pai” Luis da Câmara Cascudo e do paulista não menos famoso e sempre mestre Alceu Maynard de Araújo. Imponente, ao lado de João Chiarini, a figura mais perfeita do caipiracicabanismo, o professor Thales Castanho de Andrade, autor de “Saúde” e de tantas histórias que se seguiram para os sonhos do mundo infantil.

A academia que herdamos de João Chiarini era mais do que os personagens de Jorge Amado. Tudo diversificado, liberado, livre dos preconceitos exportados pela França, como Gabriela, descobrindo e impondo um mundo novo, uma nova história. O Jorge “amado” de Chiarini, foi o patrono, na instalação da APL, do não menos consagrado escritor Cecílio Elias Netto, que, na época, colhia os frutos do sucesso

---

de “Um Eunuco para Ester”, romance, que tocava o clarim a uma sociedade que viria a reconhecer como ser humano os homossexuais, as lésbicas, enfim.

Amado, Jorge Leal de Faria, foi padrinho e orgulho de Chiarini, João. E todos tinham que saber, sem qualquer aviso, que, quando falasse de Jorge, o autor de “Argamassa” estava falando do autor do “País do Carnaval”. Várias vezes fui advertido e até ofendido por Chiarini em tentar citar um outro Amado, James, irmão mais novo de Jorge. Autor de “Chamado do mar” (de Ilhéus), James sequer era lembrado na roda de Jorge “amado” Chiarini, o João.





---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME**  
Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

### **Obrigado meu Deus**

Obrigado meu Deus,  
Por este ano que inicia.  
Pela paz que tu me deste,  
No seio da minha família.

Obrigado meu Deus,  
Pelo alimento, saúde e felicidade.  
Pelo perdão dos erros meus,  
Por me dar Tua amizade.

Obrigado meu Deus,  
Por poder Te agradecer.  
Obrigado, muito obrigado,  
Por eu ter a graça de viver.

**Fé na vida**

Fé na vida,  
Pede o irmão.  
Na paz vivida,  
Tudo é oração.

Reza e medita,  
Aclama em prece.  
Santa e bendita,  
coração aquece.

Pingo de esperança,  
Chuva de emoção.  
Sorriso da criança,  
Alegra o coração.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO FRANCISCO DE  
ASSIS FERRAZ DE MELLO

**Fundação e povoação de Piracicaba**

Um dia, Felipe C.  
Deixou sua terra pátria,  
E, enfrentando floresta ínvia,  
Veio dar a estas bandas.

Maravilhou-se com o salto,  
Com a corredeira correndo  
E o paiaguá, forte e bravo,  
Cruzando-a na correria.

Plantou aqui uma rocinha  
E criou sua família.  
Só mais tarde é que chegou  
O Capitão Povoador

Que povoou o sacro solo.  
Porém, foi F. Cardoso  
O lançador da semente  
Que gerou Piracicaba.

Salve Felipe Cardoso,  
Salve A. Correia Barbosa,  
Intrépidos ituanos  
Na raiz da nossa História.



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA**

Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

**Conhecendo os pleonasmos**

Como se sabe, pleonasmos é a repetição de palavras que têm o mesmo significado. É considerado vício de linguagem quando empregado por ignorância ou inconsciência; mas é figura de linguagem quando proposital, para dar força à expressão. Vejamos alguns exemplos:

1. Elo de ligação
2. Exportar para outros países
3. Meio ambiente
4. Prefeitura municipal
5. Fato verídico
6. Acabamento final
7. Votar na eleição
8. Gritar alto
9. Duas metades iguais
10. Apalpar com a mão
11. Pisar com o pé
12. Ver com os próprios olhos
13. Falsa mentira
14. Certeza absoluta
15. Recuar para trás.

### **Conhecendo as listas de “Sete”**

1. Os sete continentes: América do Sul, América do Norte, Europa, Ásia, África, Austrália e Antártida.
2. As sete cores do arco-íris: vaavaav (para guardar a sequência) - vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil e violeta.
3. As sete maravilhas do mundo antigo: estátua de Zeus (Grécia), templo de Ártemis (Turquia), jardins suspensos da Babilônia (Iraque), pirâmide de Gizé (Egito), mausoléu de Alicarnasso (Turquia), farol de Alexandria (Egito), colosso de Rodes (Grécia). A única que resta é a pirâmide de Gizé.
4. As sete maravilhas do mundo moderno: Grande Muralha (China), Petra (Jordânia), Cristo Redentor (Brasil), Chichén Itzá (México), Machu Pichu (Peru), Coliseu (Roma), Taj Mahal (Índia).
5. Os sete anões: Mestre, Feliz, Dunga, Soneca, Atchim, Dengoso e Zangado.
6. Os sete sábios da Grécia antiga Sólon, Petrarca, Quílon, Tales de Mileto, Cleóbulo, Bias e Periandro.
7. Os sete pecados capitais: gula, avareza, soberba, luxúria, preguiça, ira e inveja.
8. Sete dias da semana: domingo, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado.
9. As sete notas musicais: do, ré, mi,fa, sol, la, si.
10. Sete belas-artes: música, pintura, desenho, escultura, arquitetura, literatura e coreografia.
11. Os sete cargos eletivos nas eleições brasileiras: presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador.

12. As sete virtudes humanas: esperança, fortaleza, prudência, amor, justiça, fé e temperança.
13. Os sete sacramentos: batismo, crisma, eucaristia, sacerdócio, penitência, matrimônio e extrema-unção.
14. Os sete palmos das sepulturas.

### Conhecendo as Perífrases

Perífrase é uma figura de linguagem que consiste em usar uma expressão para designar seres, animados ou inanimados, por meio de algum de seus atributos. Exemplos:

1. Continente gelado – Antártida.
2. País do sol nascente – Japão.
3. Países-baixos – Holanda.
4. Dádiva do Nilo – Egito.
5. Cidade maravilhosa – Rio de Janeiro.
6. Cidade eterna – Roma.
7. Cidade-luz – Paris.
8. Astro-rei – sol.
9. Rei dos animais – leão.
10. Rei do futebol – Pelé.
11. Rainha dos baixinhos – Xuxa.
12. Homem do baú – Sílvio Santos.
13. Bom Pastor – Jesus Cristo.
14. Pai da aviação – Santos Dumont.
15. Estação das flores – primavera.



## **Conhecendo as Metonímias**

Metonímia é uma figura de linguagem que consiste em substituir uma palavra por outra, que não é propriamente um sinônimo, mas está de alguma forma relacionada com a primeira. Exemplos:

1. Ela completou vinte primaveras (anos).
2. Ouviu-se o badalar do bronze (sino).
3. Ele não tinha teto (casa) para se abrigar.
4. Ele é um bom garfo (comedor).
5. O judas (traidor) da classe.
6. Os mortais (homens).
7. Os irracionais (animais).
8. Tinir dos cristais (copos).
9. Lia Camões (a obra de Camões).
10. Era uma pena (escritor) brilhante.
11. Que a toga (justiça) vença as armas (forças).
12. A mocidade (moços) é entusiasta.
13. Era o mecenas (protetor) das artes
14. Deu um níquel (moeda) para o pedinte.
15. O trono (cargo de imperador) estava vago.
16. Maionese é um prato (comida) delicioso.

## **Conhecendo Metáforas e Comparações**

Metáfora é uma figura de linguagem que consiste em usar uma palavra ou expressão num sentido diferente daquele

que lhe é próprio, por analogia ou semelhança subentendida.  
Exemplos

1. A luz do espírito (inteligência)
2. A flor da idade (mocidade)
3. Primavera da vida (juventude)
4. Nero foi um monstro (cruel)
5. O espelho da alma (rosto)
6. Essa cantora é um rouxinol (voz maviosa)
7. Inverno da vida (velhice)
8. Labirinto (emaranhado) de dificuldades
9. Mar de rosas (felicidade)
10. Rio de lágrimas (tristeza).

Não confundir metáfora com comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos unidos por nexos comparativos – como, tal qual, que nem, etc. Exemplos:

1. Nero foi cruel como um monstro
2. Essa cantora canta como um rouxinol
3. Ele lutou que nem um leão
4. Era alta e magra tal qual uma palmeira
5. Ágil como um macaco.

### **Conhecendo Eufemismos e Disfemismos**

Eufemismo é uma figura de retórica pela qual se suavizam expressões tristes ou desagradáveis, empregando outras

mais suaves e delicadas. O oposto é disfemismo, isto é, uso de expressões grosseiras ou desagradáveis.

**A) Exemplos de eufemismos**

1. Contrainiu o mal-de-lázaro (lepra)
2. Crianças excepcionais (retardadas)
3. Não era bom (era mau)
4. Mulher de vida fácil (prostituta)
5. Ele não é mais um jovem (é velho)
6. Fulana não é bonita (é feia)
7. Foi indelicado (grosseiro)
8. Foi desta para melhor (morreu)
9. Ele é pouco inteligente (é burro)
10. A resposta não está certa (está errada).

**B. Exemplos de disfemismos**

1. Teve morte horrível.
2. Foi um acidente trágico
3. Ela é muito feia.
4. Ele está muito velho
5. Foi cruel com a sogra
6. Estava sujo como um porco
7. A resposta está errada
8. A sua camisa está suja
9. Foi grosseiro com o pedinte
10. Você é ignorante

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM  
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

## O celular do Artur e o encontro de gerações

O Artur, mais conhecido por Tuzinho, não via seus avós maternos fazia já muito tempo. Desde que seus pais resolveram deixar a pequenina cidade piauiense, onde ele nascera, para viver em São Paulo, a família nunca mais voltou para o norte do país. O menino tinha seus seis ou sete anos, quando se deu essa separação. Decorreu muito tempo para a família, bem adaptada na capital paulista, se animar a fazer longa viagem de ônibus para visitar os seus antepassados tão queridos. Enquanto isso não ocorria, os anos foram passando. A saudade, de vez em quando, batia forte nos corações dos “retirantes”, porém, sempre havia razões ou, quiçá, desculpas, para adiar os planos de voltar ao sertão.

A concretização do desejo latente somente se deu quando o Tuzinho, então na adolescência, começou a atazanar os seus pais. Queria, porque queria, rever os avós, dos quais pouco se lembrava. Havia outro motivo, para ele igualmente importante: a cidadezinha onde viviam seus avós era a terra natal dele e que se pode dizer, não a conhecia. Pois bem, “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, diz o adágio. Foi o que aconteceu: de tanto o menino insistir, seus pais juntaram o dinheiro suficiente para pagar a aventureira e longa viagem, bem como para ajudar os hospedeiros no pagamento das despesas relativas à permanência de mais três pessoas, durante uma semana em sua casa, sabedores que eram os parentes lá do Piauí. Para o jovem, a estada de sete dias era o bastante. Por sua vez, nada, para ele, era sacrifício, pois, afinal, estava disposto a fazer o possível e o impossível para rever os avós, abraçá-los e beijá-los, além de,

finalmente, poder rever também a localidade onde nascera.

Trinta e seis horas num ônibus precário, que rodava em estradas mal conservadas, com trechos de terra, em meio a muito pó, parando apenas para os passageiros comer e atender outras necessidades fisiológicas, não tiraram o entusiasmo do Tuzinho. Seus pais faziam de tudo para esconder o cansaço que lhes dava desprazer. O rapazinho, ao contrário, esbanjando energia, ora se distraíndo com joguinhos do celular, ora tirando fotos, e falando quase o tempo todo, só dava folga quando o sono chegava. Aí, ele nem percebia o tempo passar!

Finalmente, chegaram. O encontro com os avós, na praça central da pequenina e longínqua cidade, onde eram esperados, foi comovente e inesquecível: abraços apertados, beijos e mais beijos, lágrimas de alegria! O trajeto dali até a casa rústica, em plena zona rural, onde passariam uma semana, e que ficava cerca de 28 quilômetros do local de desembarque, foi feita em charretes alugadas. O traslado durou, mais ou menos, 50 minutos, sob sol escaldante, num cenário impressionante de seca.

O Tuzinho, olhando para todos os lados, não perdia nada, porém era visível o seu espanto com a pobreza, para não dizer miséria, que via: ruas sem calçamento, pouquíssimos postes de iluminação pública, casas precárias, alguns poucos armazéns, bares, lojas muito modestas, além da população que revelava, no seu vestir e no seu calçar, o baixo padrão socioeconômico daquela região.

O rapaz, numa tentativa de esconder sua decepção, não fazia comentários, até porque estava realizando um sonho. Sabia que encontraria cenários muito diferentes, por exemplo, mesmo dos que se acostumara a ver nos bairros periféricos da capital paulista, inclusive nas favelas, onde a miséria era muito grande. Decidiu ficar calado e a levar tudo na esportiva, com bom humor, pois, afinal, seria de apenas uma semana a duração dessa aventura que ele tanto desejara.

Diante do grande cansaço, resultante da longa viagem,

Tuzinho, mal chegado à casa dos avós, procurou a cama, deitou-se e “apagou”, sem nem mesmo trocar a roupa que vestia. Eram, aproximadamente, 19 horas, e ainda havia claridade solar. Dormiu a noite toda, acordando pouco antes das seis horas da manhã, quando seus pais já estavam quase prontos para tomar o café matutino. O adolescente foi o último a despertar. Teve de esperar os adultos fazerem uso da fossa séptica no fundo quintal, a lavarem o rosto no tanque, com a água de uma caneca, enquanto, no fogão à lenha, o leite e a água para coar o café estavam sendo esquentados. Foi nesse momento que o Tuzinho se surpreendeu ao notar que não havia, naquela casa, fogão elétrico, nem geladeira, tão pouco televisão e outros equipamentos úteis que dependiam de energia elétrica. Preocupou-lhe, sobremaneira, a ausência de um ponto com tomada para recarregar o seu celular, aparelho do qual não desgrudava um minuto sequer. Acalmou-se quando soube que numa vila vizinha, num bar ao lado do posto de gasolina, poderia fazer a recarga.

Depois de se fartar com o leite fresco, café passado no coador de pano à moda antiga, pão chapado com manteiga, biscoitos e várias frutas colhidas naquela manhã, veio-lhe à mente a ideia de tirar fotos de seus avós para levar de lembrança. Não perdeu tempo: levou-os a um canto mais iluminado da sala, puxou para perto um sofá de vime, com almofadas coloridas, sentou-se entre os dois, pedindo que sorrissem e olhassem na direção do celular, para tirar um “selfie”.

Muito alegre, deixando o local, sua avó falou em voz bem alta:

– Tuzinho, não se esqueça de mandar fazer uma cópia da foto para mim, quando você levar o filme para revelar. Pode ser colorida? Aqui na nossa cidade não tem quem faça revelação. O lugar mais perto fica a uns 70 quilômetros. Tem uma pessoa que leva no final de semana e traz no fim de semana seguinte.

– Vó, agora não tem nada disso. Você quer ver a foto

já? Está aqui nesse aparelhinho, que se chama celular. Veja que bonita, tudo colorido! Não se usa mais o filme e por isso não precisa revelar. A gente poderia fazer cópias aqui mesmo se tivesse uma impressora. Você sabe o que é isso? Chama-se celular.

A avó, muito surpresa com tudo, disse:

– Ai, netinho, não sei não. Sua vovó nunca foi a uma escola. Não aprendi a ler, nem fazer conta. Nunca sai daqui onde moro, onde criei seu pai e seus tios. Todos foram embora daqui para encontrar serviço; fiquei com seu avô.

O Tuzinho correu para perto dela, dizendo, entusiasmado:

– Olha, vó, estou enviando agora, nesse momento, estou mandando essa foto para um amigo em São Paulo. Pronto, ele já recebeu e já agradeceu, dizendo que achou vocês muito simpáticos. Olha, eu posso falar com essa pessoa, sem ter de esperar algumas horas para que a ligação fosse completada, como antigamente, e o melhor, ao mesmo tempo, eu posso ver ele aqui nesta telelinha e ele me ver lá no telefone celular dele. Não é ótimo?

O avô, com mais de oitenta anos de idade, que estava calado, entrou no papo. Antes, é preciso dizer que o avô sabia ler e fazer cálculos. Ademais, ele gostava de ler e costumava, de vez em quando, ir à capital do estado, quando aproveitava para comprar mantimentos, roupas, livros e revistas, dentre outras coisas que não encontrava na sua vila.

Ele até que também tinha alguma informação, pois costumava ouvir notícias, principalmente a “Hora do Brasil”, num radinho de pilha bem antigo, além de ler a literatura adquiria, como foi dito anteriormente.

Intrigado, o avô disparou a pergunta:

– Tuzinho, diga-me uma coisa: como você sabia onde seu amigo estava, ao ligar para ele? Como pode achar o rapaz numa cidade tão grande como São Paulo?

– Vô, é difícil explicar. Dizem que tudo é resultado da técnica, da tecnologia, sei lá! Posso dar um exemplo: por meio

de satélites parecidos com os que os cientistas têm mandado para o espaço, alguém que tenha um celular, ou seja, tenha um aparelhinho deste tipo, como o daqui na minha mão, pode ser encontrado instantaneamente em qualquer lugar do mundo. E olha, a gente tira a foto, envia para o amigo e em questão de segundos ela chega ao seu destino. Veja aqui, acabou de chegar a foto de uma garota que mora lá em São Paulo. Ela mandou esse “email” (desculpe, mensagem) há pouco e eu já enviei resposta para informar que eu recebi.

– Mas, espera aí, – diz o avô, bastante incrédulo: eu não vi a foto passar por nós e entrar no aparelhinho!

– Vô, a imagem vem na forma de ondas que a gente não vê. O aparelho de rádio, como aquele de pilha que você tem, também usa ondas. Não é fantástico? Parece milagre! E tem mais, a gente com o celular pode também filmar se quiser.

O avô incrédulo e ignorante, sem saber o que dizer, mudou de assunto:

– Olha, Tuzinho, esse mundo de hoje deixa a gente aturdido! Estou sentindo até dor de cabeça; pode ser a pressão que subiu, depois de tanta novidade. Parece milagre mesmo. Olha que pode ser gripe, pois parece que estou com uma febrezinha. E o mosquito que transmite gripe tem estado por aqui

– Então, espera aí, vamos tirar a pressão. E depois a gente vê a temperatura, disse o neto. Tá bom?

– Mas eu não tenho aparelho de pressão aqui em casa, retrucou o velho. E muito menos termômetro. É preciso ir até a farmácia do vilarejo, que não é tão perto.

Interrompendo, o Tuzinho disse, entusiasmado:

– Calma, vô. Venha até aqui; coloque o dedo nessa figura do aparelhinho, ou melhor, do celular. Isso, espere um pouco. Pronto, já deu. É, a pressão está um pouquinho acima do normal, mas na sua idade dizem que é assim mesmo. Relaxa um pouco. Toma um copo de água. Em seguida, a gente vai sentar ali fora, para ver o pôr do sol, ouvindo uma música bem bonita.



– Não dá, Tuzinho; meu radinho de pilha está quebrado, e nem é daqueles para usar com minicassete, disse o simpático nortista.

– Não é preciso, vovô, a gente pode ouvir a música no celular. Você está escutando a música? Pois é, ela vem do celular. Não tiver gostando a gente troca.

Pergunta, o avô, muito interessado:

– É gravação ou vem da rádio?

– Tem os dois. Ele é ótimo, pois a gente pode escutar as notícias; agora mesmo vi o resultado do jogo São Paulo e Palmeiras: três a zero para o tricolor paulista. À noite vou ver os gols, pela TV do celular.

– Cruz credo! Parece coisa doutro mundo! Só faltava a gente poder cozinhar com ele, emendou o avô fazendo troça.

Mais uma vez, o avô é interrompido pelo Tuzinho, que diz com sorriso maroto nos lábios:

– Sim, pode estar faltando muita coisa, mas já é coisa demais o que temos no celular. E tem algo curioso, pois além de suas mil e uma utilidades, que são ótimas, ele está substituindo algumas coisas, como eu já falei, e fazendo desaparecer coisas que a gente nem imaginava que fosse desaparecer. Vovô querido, prepare-se para não ter um desmaio, pois vou contar para você apenas algumas dessas coisas que sumiram. Tudo bem?

– Eu gostaria de chamar a sua avó para ouvir, mas não vou chamar. Ela quase pirou somente com a fotografia sem filme, imagine como ficará quando souber de tantas outras novidades. Ela já não entende como o avião tão grande e pesado pode voar (de vez em quando, passa algum aí no céu) ou como é possível cozinhar num tal micro-ondas, que ela viu em Teresina, na casa de uma amiga, sem uma chapa para esquentar a comida? Hoje, ela amanheceu queixando-se de febre, mas não temos em casa termômetro, para ver a temperatura. O que a gente tinha quebrou faz 3 ou 4 semanas.

– Ih! Vô, por que você não me falou. Com o celular é possível tirar a temperatura. Logo, logo vemos isso. Agora, vou falar de mais coisas que o celular faz; a lista é muito grande, vou con-

tar somente algumas coisas que estou lembrando. Escute: o celular já está substituindo: telefones fixos, relógios de todos tipos, calculadora, cadernos de notas, envio de correspondência pelo correio, arquivos de documentos em papel, álbuns fotográficos, mapas, bússolas, Bíblias, livros, jornais, revistas, máquina de escrever, digitalizadoras, máquinas de filmar, lanternas, despertadores, parquímetros, cartões de crédito, senhas, moedas e notas para pagamentos, transferências bancárias, jogos de diferentes tipos, fax, telex, máquinas fotográficas, projetores de “slides”, vídeos, aparelhos transmissores de som, textos e imagens, compras sem sair de casa, trocas de mensagens a custo zero, além de tudo que falamos antes.

O avô aproveitou a “deixa” para filosofar, expondo seu pensamento sobre a diferença de gerações, algo que tinha lido fazia pouco tempo, ao dizer pausadamente:

– Neto querido e muito sabido, Deus o abençoe. O seu mundo não é o meu mundo. Tenho muito a aprender com você, mas também muito a ensinar. Eu convivi com muita coisa que você não conheceu, como mata-borrão, caneta tinteiro, telefone magneto, carro a gasogênio e outros, que você pode ver no cinema, na televisão, nos museus e nas casas de antiguidades, pois não se usa mais. Você e os seus filhos terão distâncias muito maiores, pois atualmente as coisas têm acontecido em altíssima velocidade e em grande número. E só tende a aumentar. Muita coisa de hoje não consigo entender, mas isso não é motivo para a gente não se gostar ou não ter uma boa convivência.

– É verdade, querido vovô, você é o “cara” (desculpe-me a gíria, hoje muito usada)! Deixe-me dar um beijo e abraço bem apertado! Sabe, a gente vai sempre se dar bem, mesmo eu sendo da geração “Z” e você da geração “baby boomer”.

– Tá bom, eu não sei o que quer dizer isso, mas vindo de você eu acredito. Você é muito sabido. Qualquer dia desses a gente volta a conversar sobre o assunto. Agora quero que você me acompanhe. Venha comigo. Você já viu fogão a lenha? E galinha botando ovo? Já escutou o galo cantar de madrugada?

E papagaio que fala? Sabe andar a cavalo? Já chupou jabuticaba colhida na hora? Não? Realmente, nós somos de gerações muito diferentes, mas não é o celular que vai nos separar!

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI**

Cadeira nº 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

### **A força da vida**

Um saco preto de lixo, bem amarrado, boiava nas águas geladas da lagoa, ao sabor da correnteza. Um casal que caminhava nas margens pensou ter ouvido um débil som vindo de dentro do pacote. Seria um gato que alguém malvado jogara na represa?

Resolveram resgatar o infeliz. Com um galho de árvore içaram o embrulho que se mexia, na ânsia ancestral de qualquer ser vivo, de preservar a vida. O som se tornava mais nítido quanto mais perto se aproximava o pacote.

Pensaram ter ouvido um choro de criança e se entreolharam espantados, mas concluíram que deveria ser algum animalzinho mesmo.

Com um pouco de receio diante do que poderiam encontrar, foram desatando o nó e, incrédulos, viram surgir um pezinho, como se estivesse a criança renascendo de um útero. E logo o outro pé, as mãozinhas irrequietas e o rostinho de um bebê, desesperadamente sugando o ar que já lhe rareava. Estava de roupinha cor de rosa, laço na cabeça, meias e sapatos. Era uma garotinha de poucos meses e deveria estar com muita fome.

Recuperados do espanto inicial, resolveram levá-la depressa para um hospital.

A pergunta ficou no ar... Quem jogou aquela criança tão indefesa nas águas? Com qual intenção? Será que não sabia que o plástico pode sufocar em pouquíssimo tempo? A intenção era matá-la? Livrar-se dela? Que situação extrema de desespero fez uma mãe renegar seu instinto materno e proce-

der desta maneira? Não ousou julgá-la. Quem somos nós para julgar?

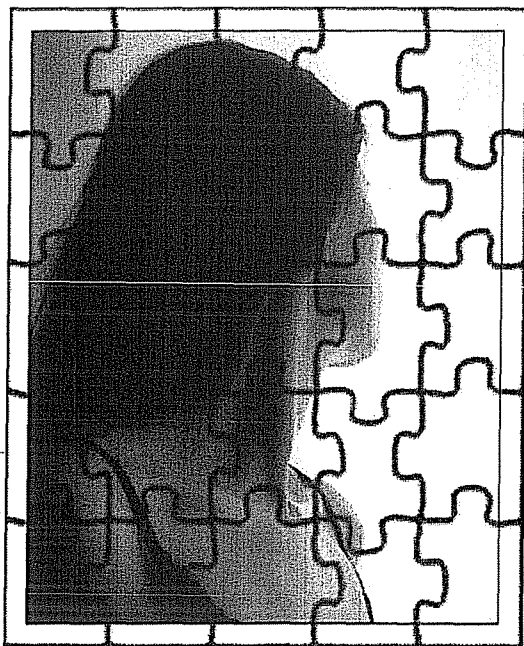
Confesso que chorei ao ver a notícia pela tv. Foi tudo documentado porque alguém portava uma câmera de vídeo no momento. Imaginei minhas netinhas, tão amadas, nessa situação e me comovi. Que mundo é esse onde não se dá valor à vida? Talvez a mãe, sem assistência, sem carinho, abandonada pelo pai da criança, sem apoio de ninguém, passasse por uma forte depressão pós-parto. Não podemos condená-la. Recordar o que fez, quando a depressão passar, já será um eterno e terrível castigo.

Foi a providência divina que colocou aquele casal ali, naquele momento. Lembrei da passagem bíblica de Moisés, salvo das águas do Nilo num cestinho de vime. Se fosse um menino, até comentei com meu marido, enquanto assistia o desenrolar da notícia pela televisão, poderia chamar-se Moisés, que significa “salvo das águas” segundo os hebreus e “renascido” na língua egípcia. Renata (renascida) poderia ser também um nome adequado para a menina que, por ironia do destino, era chamada pela mãe, de Yara, que significa “rainha das águas”.

Uma legião de anjos guardiões deve ter acompanhado todo o drama da pequenina, que segundo notícias posteriores na imprensa, já devidamente esclarecidos os fatos, sobreviveu a uma gravidez de risco, nasceu prematura e ainda foi renegada e lançada na represa pela própria mãe. O saco estava unido a um pedaço de madeira, que deve ter sido colocado para afundar mais depressa o volume, mas ao contrário, foi a salvação do bebê, pois ajudou o pacote a flutuar, como um barquinho.

Que tenha uma vida feliz a pequena guerreira, que soube lutar tão bravamente pela vida. Que seja amada, muito amada, essa soberana das águas. Bem-vinda à vida!

## Quebra-cabeças



Procuro encaixar os pedaços  
que me tornarão inteira

Em cada fragmento  
um momento de mim

Aos poucos, meus contornos  
se delineiam

Imagem?  
Miragem?

Faltam peças essenciais  
já não me encontro mais...



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF  
Cadeira nº 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

## O Café

História verídica, por razões conhecidas os nomes dos protagonistas foram trocados.

Alípio sempre foi um bom comerciante. Homem carismático, com sua fala mansa, conseguia entreter o interlocutor até chegar ao cerne da questão.

Tinha o suficiente para levar uma vida como se dizia na época, “controlada”. Precavido, pensava em engordar um pouco seus rendimentos com alguma atividade extra, que lhe trouxesse algum dinheiro e pouco ou nenhum aborrecimento. Pesquisando, descobriu um segmento de mercado que lhe caberia como uma luva. Era conhecido dos agricultores rurais das imediações. Amizades antigas. Gente de confiança. Foi quando um fabricante de insumos agrícolas o procurou. Naquela época engenheiro agrônomo era figura impensável para esse tipo de atividade.

Tudo formalmente acertado com a empresa fabricante, Alípio passou a visitar seus conhecidos, pequenos agricultores. Gradativamente foi ganhando uma boa freguesia, passou a fornecer também para dois ou três grandes proprietários de terras.

Os negócios prosperaram, Alípio animou-se, adquiriu um automóvel Volkswagen, zero quilômetro. Veio completo. Com acessórios exigidos por lei, e como cortesia do fabricante uma pequena caixa de fusíveis sobressalentes. Se queimasse um fusível, o que era possível, o automóvel teria uma pane elétrica, deixando seu condutor sem poder locomover-se. Um zelo que a fábrica tinha e orgulhava-se: “– Jamais deixar o cliente sem assistência”.



Logo pela manhã Alípio saía, levando quatro sanduíches de pão com mortadela preparados pela sua esposa Dona Esmeralda. Dois sanduíches eram para o seu acompanhante, um dos dois filhos, Ismael ou Israel. O que estivesse disponível em função do horário escolar. A principal função do acompanhante era abrir porteiras entre uma fazenda e outra, pois os caminhos cortavam as fazendas. O acompanhante tinha como missão também, anotar os pedidos que o cliente estava fazendo. Enquanto Alípio os hipnotizava com sua doce conversa, versando sobre o tempo, se ia chover naquela temporada, como deveria ser a cotação dos produtos, enfim ele encantava a plateia. Era um homem admirado.

Respeitar o costume de um povo pode ser a diferença entre céu e terra. Em casa do homem do campo, no mínimo um café é oferecido. É uma cortesia. E uma grave ofensa recusá-lo. No início Alípio tomava todos os cafés que lhe eram oferecidos, mesmo aqueles que não lhe agradavam o paladar. O famoso café frio e fraco. Um determinado dia, Alípio ao pegar a caneta no porta luvas do seu Volkswagen viu a pequena caixa de papelão com os fusíveis de reserva. Pronto, questão resolvida.

Próxima visita foi ao sítio do Zé Barduino. Homem bom, simpático, sua mulher, Dona Jesuína não sabia o que fazer para agradar aos visitantes.

Duas horas depois de chegar a casa de Zé Barduino, Alípio estava radiante. Tinha fechado um negócio. Ai é que veio a hora do amargor: o café. Bem ao gosto do anfitrião, mas intragável aos visitantes. De embrulhar o estômago.

Precavido, Alípio tinha colocado a caixa de fusíveis do automóvel no bolso da camisa. Ao vir a aguada e melada água de rubiácea, com a maior naturalidade soltou: “– Compadre Zé Barduino, fui ao médico, ele disse para cuidar do estômago, deu até remédio, olha aqui, tô com ele no bolso!” E mostrou ao caboclo de poucas letras a caixa de fusíveis que tinha pegado no porta-luvas do automóvel. Continuou, dizendo: “Mas o Ismaelzinho toma o café!”. O semblante do pequeno Ismael

---

refletiu na hora o sacrifício, já pensando que aquilo valia no mínimo um ingresso para o cinema de fim de semana.

“Mais um café Ismaelzinho?”. “– Não Dona Jesuína, está muito bom, mas deixa para a próxima vez”.

Negócio concluído, despedidas, Alípio saiu aliviado. Tinha finalmente encontrado a forma de se livrar dos famosos cafés adoçados com rapadura. A partir desse dia Ismael ou Israel, quem estivesse junto, já sabia a entrada para o cinema de fim de semana estava garantida, bastava engolir o elixir do bule.



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI**  
Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco

**Reminiscências Piracicabanas**  
(HOMENAGEM À PIRACICABA NOS SEUS 250 ANOS)

Nasci na zona rural, num sítio distante 11 km de Piracicaba. Costumo dizer que “brotei” no meio do verde-esperança, pois a casa modesta em que morávamos, era ladeada por canaviais. Até os sete anos de idade convivi indiretamente com a vida urbana dessa cidade, pois a ela acorriamos somente para compras, médicos e visitas a parentes. Para chegar até a cidade os meios de transporte eram a charrete ou jardineira. Da estrada poeirenta ficou a lembrança gostosa do “friozinho na barriga”, quando descíamos o “Quebra-Canga”, trecho próximo à Cruz Caiada (hoje já perímetro urbano), onde havia uma capelinha erigida por morte de alguém em acidente, na qual costumavam dormir os “ligeiras”, os quais me incutiam muito medo. Para fazer as compras ou outros serviços na Vila Rezende ou área central, era comum deixar a égua e a charrete em currais, gentilmente cedidos por comerciantes. Essas pequenas viagens eram deliciosamente arrematadas com o picolé de groselha. Se por alguma eventualidade isso não ocorresse, meu progenitor precisava retornar às pressas, para que uma senhora, antiga moradora nas terras da Baronesa de Rezende me benzesse (diziam que era lombriga). A casa ficava nas imediações de onde hoje se encontra o Hospital dos Plantadores de Cana. Nesses terrenos eram cultivados cereais, destacando-se os arrozais.

Foi aproximadamente na década de 40 do século passado, que o êxodo rural se intensificou na família, tanto paterna como materna. Por esta razão a maioria dos tios e primos mudaram para a cidade, deixando o sítio onde se dedicavam

à cana e engenho de pinga. Acalentavam trabalhar nas indústrias que começavam a surgir, sobretudo a Metalúrgica Dediní. Muitos deles realmente conseguiram posições de destaque nessas atividades industriais.

Nessa época Piracicaba deveria ter mais de 50 mil habitantes no perímetro urbano. Até os nonos italianos vieram residir na Rua Luiz de Queirós, numa casa com muitos cômodos e quintal grande, características das casas das cidades daquele tempo.

Tenho lembranças saudosas do tempo da adolescência, quando moradora em outra propriedade rural perto de Rio Claro, vinha passar as férias na querida Noiva da Colina.

Em companhia dos primos desbravávamos os maravilhosos pontos considerados turísticos dos dias atuais. Para irmos ao Mirante ver a piracema, passávamos ao lado da Tecelagem Boyes, ladeávamos o palacete dos seus proprietários, seguíamos abaixo pelas picadas do pequeno bosque à beira do rio, nas imediações de onde se encontram nos dias de hoje, a ponte pênsil e o Museu d'Água e, sem olharmos para os lados (para não atordoar) atravessávamos a ponte central, apenas por um dos lados, pois do outro havia os trilhos do trem da Sorocabana.

Havia outros folguedos para as férias e finais de semana. Como a residência dos nonos era perto do Jardim da Cadeia local (onde hoje é a Pinacoteca), lá íamos passar grande parte das tardes, para jogar conversa fora e sobretudo espiar o idílio dos namorados. Aos domingos nos divertíamos nas matinês dos cinemas, com Mazzaroppi, Cantinflas (filmes em branco e preto), quando não esticávamos o passeio até o parque da Agronomia. Nossa condução era o bonde, veículo de transporte mais usado pela maioria dos piracicabanos de então. À noite ia bem “quadrar o jardim”, na praça José Bonifácio. Os moços caminhavam em direção contrária às mulheres, facilitando os “flirts”. Também houve a “calçadinha de ouro”, que geralmente acontecia antes e após o término das sessões dos cinemas. As jovens circulavam do Cine Broadway (Rua

S. José entre Rua Alferes José Caetano e Praça José Bonifácio) até à esquina da Moraes Barros (Banco Itaú atual), e os rapazes ficavam parados observando-as. Quantos namoros da família surgiram de olhares trocados nessas ocasiões!

Detenho-me agora a narrar fatos pitorescos da vida adulta, como moradora da cidade-natal e como professora da Escola Normal Rural, que funcionava nas dependências da Esalq. Como professora de Sociologia desenvolvia com os alunos um trabalho voltado para a comunidade. Assim, por ocasião do bicentenário, comemorado em agosto de 1967, organizamos um jogral em homenagem à Piracicaba e fomos apresentá-lo no gabinete do então prefeito Luciano Guidotti. A emoção foi contagiante. Também como culminância de um projeto escolar "Estudo da Comunidade", houve a integração de nossos alunos com o grupo folclórico coordenado pelo Prof. João Chiarini, dançando a catira e outros passos de danças típicas dessa região. Lembro-me de uma comemoração cívica na Praça José Bonifácio, onde meus alunos se apresentaram em trajes de cortadores de cana, para homenagear uma das fontes de riqueza piracicabana em destaque na época.

Tive saídas temporárias desta cidade, a fim de exercer a função de educadora também em outros rincões, mas felizmente voltei para trabalhar em bairros periféricos, como coordenadora pedagógica e mais tarde como diretora.

Já aposentada não mais a perdi de vista, sempre acompanhando o seu rápido progresso. Relendo obras do saudoso escritor piracicabano Thales Castanho de Andrade, sobretudo "Saudade", identifico-me com o autor quando fala das pessoas e do meio em que viveu, muito parecido com o meu: campo e cidade. Esse sentimento, que me faz ao mesmo tempo ser saudosista, faz também viver com mais intensidade o momento presente. Assim, em cada pôr do sol que aprecio na "Noiva da Colina", vendo seus raios se refletirem nas águas do Rio Piracicaba, louvo a Deus minha vida e o que sou. Se não bastasse a beleza dessa exuberante paisagem, um prédio antigo a alguns metros de onde me encontro, reforça o dito

acima. Trata-se do prédio no qual, em 1948, fui alfabetizada - o Externato São José - que hoje pertence à Faculdade de Odontologia.

Graças a esses instrumentos valiosos - ler e escrever - pude me realizar como pessoa, profissional e cidadã. Posso em alto som, declarar meu amor por esta terra que me viu nascer, o qual tenho certeza continuará inabalável. Assim como as águas do Guamium - o ribeirão da minha infância - se oferecem para o Rio Piracicaba com muita singeleza, também eu, na pequenez da minha contribuição pessoal, quero amá-la e servi-la com o mais sincero e puro amor.

Encerro minha fala, fazendo-lhe uma declaração de amor, aproveitando versos iniciais do estribilho do que chamamos hino de Piracicaba: "Piracicaba que eu adoro tanto/ cheia de flores, cheia de encanto/ ninguém conhece a grande dor que sente/ o filho ausente a suspirar por ti!"

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO LINO VITTI  
(in memoriam)

**Poema a Piracicaba**

A beleza das verdes colinas  
enamora o audaz capitão.  
A esperança dourada das minas  
e os mistérios do rico sertão.  
O rumor musical da cascata  
a que o peixe teimava escalar,  
o murmúrio das águas de prata,  
todo um mundo de encantos sem par!  
Terra roxa, divina promessa,  
rio largo a buscar o Tietê.  
Tudo corre, engrandece, tem pressa,  
Povoador acredita e prevê.  
Traça o chão onde um dia a cidade  
será grande, quiçá capital,  
surge no alto, à solar claridade,  
a feliz Piracity eternal.  
Ei-la em busca de um grande futuro,  
muito amada por filhos geniais  
que lhe ofertam o afeto mais puro  
e acalentam-lhe os nobres ideais.  
Ficou “noiva”, casou com o progresso,  
da cultura fez sólido ideal.  
Fez da agrícola ciência o sucesso  
dessa ESALQ de fama mundial.  
Pontilhada de escolas soberbas,  
berço ativo de profissionais,  
venceu lutas hostis mais acerbas,  
fez dos sonhos os fatos reais.



Minha histórica Piracicaba,  
dona excelsa de idílico véu,  
meu amor, por você, não se acaba,  
nem jamais serei cínico incréu.  
Que seus filhos da urbe ou da roça  
lhe dediquem o mais vivo amor.  
Essa vida de amores remoça  
no trabalho, realeza e fulgor.  
Que o destino ofereça a grandeza  
de fazê-la grandiosa e feliz.  
Nossa vida a esse amor fique presa  
a esse povo que a quer e bendiz.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA DE LOURDES PIEDADE  
SODERO MARTINS**

Cadeira nº 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

**Discurso de posse na  
Academia Piracicaba de Letras**

Boa Noite, a todos os Acadêmicos presentes e Convidados.

Estou me sentindo feliz e honrada nesta noite por integrar a partir de hoje, a Academia Piracicabana de Letras.

Afinal, há muitos anos acompanho este grupo seletivo a exercitar a cidadania, a promover atividades voltadas à Literatura, a publicar artigos polêmicos e valorosos, quer relacionados ao cotidiano, à datas históricas, a assuntos políticos e outros, quer apresentando matérias específicas e abrangentes, ou contos, crônicas e poesias.

Deste grupo, muitos já se foram... Outros aqui presentes, com o mesmo objetivo de dedicação ao cumprimento das normas estabelecidas e o dever prazeroso de reuniões regulares e decisões importantes em prol da cultura da nossa querida Piracicaba.

Tenho encontros assíduos com alguns acadêmicos ao participar dos grupos literários da cidade, outros, os encontro em festividades, comemorações culturais ou em lançamento dos próprios livros ou de outros escritores.

Estar ocupando a Cadeira nº 26, cujo patrono é o Professor Nelson Oliveira Camponês do Brasil, formado pela Escola Normal de Piracicaba, futura Sud Mennucci, ilustre Diretor de Escola, Pedagogo, Educador, reconhecido e renomado Historiador, a se dedicar a redescobrir nossa cidade, divulgando através de estudos, pesquisas e publicações, fontes históricas da Terra amada, é sem dúvida uma honra. Dupla

alegria para mim, pois tive o prazer de conhecer seu filho, engenheiro agrônomo, Professor Dr. Moacyr Oliveira Campônês do Brasil Sobrinho, amigo do meu saudoso esposo, ambos docentes da ESALQ.

Quero, neste momento especial, deixar registrados alguns fatos importantes para mim, pois trazem algo de mágico enraizado no coração e marcaram-me pessoal e profissionalmente.

Um deles, ter sido apresentada ao Centro Literário pela brilhante poetisa Maria Cecília Machado Bonachella, saudosa amiga. Depois, ter reencontrado Rosaly Curiacos de Almeida Leme, após tantos anos, desde nossa infância e juventude no Colégio Nossa Sra. da Assunção, a qual me convidou várias vezes e realmente desejou que eu entrasse para a Academia. Outros amigos leais, amigas mais próximas, todos que me incentivaram e torceram por mim. Vale lembrar aqueles que publicaram em jornais, folhetos ou cadernos literários textos ou poesias da minha autoria, como Maria Cecília Machado Bonachella, Carmen Pilotto, Ivana Negri, Ana Marly Jacobino, Ludovico da Silva, e Evaldo Vicente, em seu jornal, exatamente há vinte e seis anos. E abraçando minha causa, Aracy Duarte Ferrari e Leda Coletti a me “intimarem” a preencher a proposta.

E as tardes poéticas com Esio Pezatto, na antiga Biblioteca Pública? E o carinho do saudoso Poeta Lino Vitti presenteando-me com seus livros através dos seus netos, meus alunos?

Pensando em tudo isso, no entusiasmo dos que me cercam, desde o berço familiar, a torcida de todos, velhos e atuais amigos, meu amor às letras, certamente somados aos desígnios divinos, levaram-me a esta conquista.

Estou, na verdade, realizando um sonho, afinal sempre contei com o incentivo e a confiança do meu querido Paulinho, que acreditava no dom da escrita e no meu amor pela Literatura.

Estar tomando posse hoje, juntamente com Vitor Ven-

covsky que nos visitava desde garotinho com seus pais, queridos amigos. Meu esposo e eu éramos jovens naquela época e ansiávamos por suas visitas dominicais. Estar ao lado do Mestre, Professor Newman Simões, com quem trabalhei por doze anos no Colégio CLQ. Seu filho Ricardo foi meu aluno, bom amigo até hoje, através de quem pude ser avaliada em relação às atividades literárias desenvolvidas. Isso me proporciona segurança.

Para encerrar meus felizes registros, o fato do Professor Dr. Francisco de Assis Ferraz de Mello, Pesquisador, Escritor, Poeta, ter se afastado por motivo de saúde e mudança, e ter-me proporcionado seu próprio espaço para eu ocupá-lo. Alego tudo isso a “encaixes divinos”. Obrigada, amigo Chico Mello. Você segue comigo lado a lado. Procurarei fazer jus à sua atuação e contribuição como acadêmico e honrar seu talento poético.

Só me resta agradecer a todos, familiares, filhas e genros, netos maravilhosos, dois deles presentes nesta noite de gala, amigos e acadêmicos e acrescentar de Violeta Parra, na voz de Mercedes Sosa um verso que traduz minha alegria: “Gracias a la vida que me ha dado tanto”!



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA  
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

### **“Ágape” – Amor Incondicional**

Já faz algum tempo que sou admiradora do livro “Ágape” do Padre Marcelo Rossi que, com certeza tem o intuito de engrandecer e aprimorar o interior do homem, geralmente tão distraído ou indiferente às coisas da fé, incrivelmente benéficas e necessárias, sobretudo nesses tempos da vida onde parece, injeções de reflexões e alertas são os grandes antídotos que funcionam para que, as “vendas nos olhos” sejam retiradas e a verdade possa surgir proporcionando algum resultado acolhedor para a alma e para o espírito. Sem dúvida, a preocupação do Padre em seus milhões de exemplares já vendidos foi levar ao conhecimento dos leitores de uma forma fácil e simples, capítulos do Evangelho de São João, fazendo conhecer, explicando e colocando em cada um deles abordados, orações no seu final, todos de uma simplicidade e profundidade ao mesmo tempo pura, singela e comovente. Palavras do feitio desse sacerdote iluminado, que elevam e fortalecem, sobretudo pelo seu modo generoso de ser, cuja maior intenção, sempre foi também ensinar aplicar e multiplicar o bem e o amor entre seus fiéis e crentes em geral. Indicando a leitura para quem não o fez ainda, fica nesta “janela” de hoje, como um dos “exemplos” do livro, uma história muito comum, e de grande valor num dos processos mais corriqueiros que surgem nas dificuldades em ver e aceitar os erros, achando que, “o problema é sempre do outro.” Conta de duas famílias que moravam uma em frente à outra e todos os dias, o marido de uma das casas ao voltar do trabalho encontrava a esposa reparando nas roupas sujas penduradas

na área da casa vizinha e ficava indignada, não entendendo porque ela não as lavava adequadamente antes de pendurá-las no varal dizendo com impaciência e certeza que a vizinha era suja e descuidada. “Depois de algum tempo, e cansado das reclamações da mulher, o marido sugeriu que ela parasse de falar e limpasse antes, a vidraça da casa deles que estava imunda, para depois olhar e ver, que a sujeira não era da outra, mas pertencia à sua própria casa”. A moral da história é que a tendência do ser humano é sempre jogar a culpa no outro, pois é muito mais fácil não admitir as falhas, desmoralizar e não compreender o “por que” e o comportamento do próximo, sempre julgando, conjeturando e maltratando, num egoísmo e orgulho que não “arreda pé.” Verificar com toda dignidade então que, uma bela e eficiente leitura pode ajudar no encaminhamento e crescimento espiritual abrindo o entendimento para a felicidade do conhecimento dos que querem acertar cada vez mais, na convivência, amizade e bom trato com o seu próximo.

Como oração também de sua autoria, fica aqui a da contracapa do livro que diz: “Senhor, Tu és o Bom Pastor. Eu sou Tua ovelha. Em alguns dias estou sujo, em outros estou doente. Em alguns dias me escondo, em outros me revelo. Sou uma ovelha ora mansa, ora agitada, uma ovelha perdida, ora reconhecida. Eu sou Tua ovelha, Senhor. Eu conheço a Tua voz. É que às vezes, a surdez toma conta de mim. Eu sou Tua ovelha, Senhor. Não permita que eu me perca e que eu me desvie do Teu rebanho, mas, se eu me perder, eu Te peço Senhor, vem me encontrar. Amém.”

Não é segredo para ninguém, que Padre Marcelo Rossi é um dos “ícones semeadores” atuais da nossa fé, que “prega e cumpre a *Ágape-amor*”, sendo por isso, um dos grandes baluartes, que temos a graça de conhecer, conviver, usufruir e cultivar.

## Aqui na Terra somos apenas “Turistas”

Esta mensagem que recebi me tocou profundamente: “Conta-se que no século passado um turista americano foi à cidade do Cairo no Egito a fim de visitar um sábio famoso e se surpreendeu vendo que ele morava num quartinho bem simples, apenas repleto de livros e as únicas peças que tinha eram uma cama, uma mesa e um banco. —” Onde estão seus móveis o turista perguntou” ao que o sábio respondeu: “E onde estão os seus? “Os meus”? Disse o turista surpreso – Mas eu estou aqui só de passagem! “Eu também” respondeu o bom homem.

Nossa conscientização obriga então a ficar bem claro, de que a nossa estada aqui na Terra é somente uma passagem. Dura realidade? Sim, dura, mas, que merece ser levada a sério e respeitada, pela sua incerteza e pouca duração.

Quantos vivem como se fossem ficar aqui eternamente se esquecendo de suas obrigações brincando com sua saúde, sem responsabilidade no seu trabalho e na sua casa, seus lares tão sagrados que precisam de tanta dedicação, atenção e apoio constantes, e, principalmente no trato com seus semelhantes, companheiros de caminhada na estrada do viver, que se cruza a todo o momento e, que muitas vezes podem estar em busca urgente de uma palavra ou um ombro amigo para amenizar seus problemas ou suas penas.

Então, pensando bem, se somos mesmo turistas vivendo ou cambaleando e tropeçando por estes caminhos tortuosos deste mundo afora, para que tanta empáfia, amor próprio, impaciência ou mau humor, porque tanta tristeza, ódio, orgulho e egoísmo que só crescem e fazem tanto mal? Porque as guerras intermináveis que ferem, mutilam e matam tanto e, porque tanta pressa, afobação e correria, semblantes fechados e taciturnos nublando os relacionamentos e, porque não dizer, minando a própria existência? Porque vinganças, tantas brigas e discussões, disputas acirradas, xingamentos sem fim, inveja e maldades de toda sorte, também?



Muito melhor parar um pouco, acalmar a consciência e refletir, contar até mil se for preciso fazendo tudo para ouvir e entender o mais possível, enxugar as lágrimas que impedem de visualizar direito o que é realmente belo e enxergar melhor contrastes e contatos muito mais agradáveis, do que só esbravejar e se exasperar por qualquer motivo...

Se somos apenas “turistas” e temos que ir embora sem nenhum aviso prévio como sói acontecer a qualquer momento (daí, “vigiai e orai.”..), assim, num estalar de dedos, “pabuf”, pronto, acabou! Melhor então pensar e repensar a Vida, com mais paciência, clareza, verdade e discernimento!

E... Se somos apenas “turistas,” porque não sorrir mais, cantar mais, dançar mais, brincar mais, se relacionar e se doar mais, amar muito mais e esquecer mais das coisas que nos fazem tanto mal?

“Como “turistas conscientes” enfim, melhor e muito mais cômodo e inteligente é aproveitar nossa viagem o mais intensamente possível que pudermos, não é”?

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET  
BUELONI**

Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

### **Beira-mar**

Tenho mais a vos contar das exaltações marinhas. Toda vez é assim: os céus desabam sobre o mar o vaidoso azul de suas transparências. Espelho vítreo, incêndio de águas e puro fascínio inspiram-me o canto da poesia marinha.

Poema fértil de naturezas, de embates sedutores e místicas evoluções. Peço licença para entrar em tua casa atlântica. Timidamente, piso em tuas areias e ousou imitar tua música. Avanço-te, onda por onda, cautelosa. Gosto de ti, mar, de teus símbolos, de tudo que te nomeia, feito âncora, vela, cavalo marinho, peixe, o que te representa é o de menos.

Mar, ó mar, sofro a interpretação de tuas vozes, teu chamado lento, intermitente. Emoção de pertencer-te por um verão e frequentar teu profundo mistério.

O que me contas é água, sal, sol, vento oceânico, vela branca. Palavras mínimas descrever-te-iam. E o sofrimento dos que nunca te viram? A eles cabe o desenho de tua paisagem movediça, iluminada e funda.

Tua lenda é o feitiço. Tua lua é esta poça prateada, entrevista em teu leito ondulante. Os que morreram em luta contigo, permaneçam inteiros na memória da água. Ah, o cansaço dos salvos! Braços para o mar de areia, pés para a vida dos coqueirais. Que toda valentia tome jeito e redobre cuidados aos teus respingos. Ao teu rugido selvagem. O mar é do signo de Leão.

Do continente, tuas ilhas resplandecem, insinuando tesouros. Vem de teus arquipélagos a parte fragmentada

que te representa. Não há barra sem perda praia brava. Em ressaca, esmerilhas em mil pontas minhas pedras interiores.

Quem te avista, graciosa península, ao aportar, helênico, singrando mares? Antigas naus no remo e na força. Solícito, ofereces porto às chegadas. Recolhes-te tímido e ativo, precavido, recusando convivas.

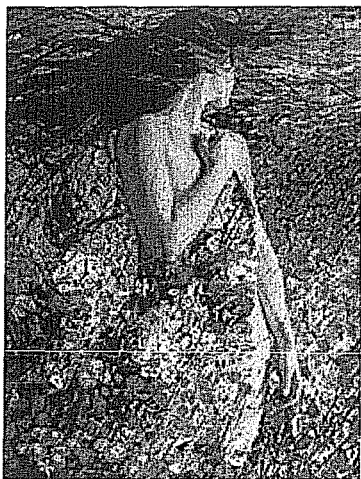
Que sei eu dos teus lamentos em fúria? Sei do navio que te mancha de óleo, dos petroleiros cortando e poluindo tuas entranhas puríssimas. Choras os peixes que morrem em teu ventre, afogados em venenos e plásticos. Quantos se voltarão para tuas origens, apressados em salvar-te? Pois uma paz oceânica haverá de agradecer toda carícia, toda generosidade, todo afeto.

Não ficará pedra sobre pedra: a Terra, gentil, teme e espera pela inundação. Um planalto digno apaziguará a loucura dos elementos e a terra seca anunciará o novo mundo. Uma arca solitária será vista, equilibrando-se sobre a rocha dura e uma pomba sobrevoará tua face oculta. Depois, que lugar caberá a ti no planeta?

Enquanto não te decides, acredito em correntezas e vigio. Tua profecia é minha crença. Temor às fossas abissais, para onde não vou nem em sonho. Guardo em segredo legítimo o que não conheço de ti.

Chego e parto cheia de presságios. Antes mesmo de lançar-te um último suspiro, mergulho até onde vai o amor que te dedico. E ali, fundeio meu desejo de retornar aos teus braços.

Que triste deixar-te, mar! Voltar mil vezes o olhar, o tráfego ocultando tua explosão. Roubar uma parte de ti nas retinas e impregná-las de saudades, estas que fazem de mim eterna aprendiz do teu convívio.



## Corpo

Meu corpo se toca como harpa  
As cordas tocadas num harpejo  
Puxando da ponta espinho e farpa  
Soprando nas chagas com um beijo

Meu corpo na pauta da agonia  
Compasso binário de solfejo  
Meu corpo sofrendo noite e dia  
Sarando no alívio que antevejo

O bálsamo do spray nas minhas costas  
É cânfora no vale e nas encostas  
Poema da nota em pentagrama

A música é dor regida ao estro  
É látego na palma de um maestro  
É corpo que ainda sofre e ama



### **Luzes que se apagam...**

Há uma música linda, de Charles Chaplin, “Luzes da ribalta”, que me toca fundo o peito, o coração e a alma. A tradução da música para o português refere-se às ilusões, às vidas que se vão, às luzes que se apagam com o decorrer do tempo. Vidas que se acabam a sorrir, luzes que se apagam, nada mais.

Diz a letra também: o que passou não voltará jamais. No retrovisor do tempo, identifico tantas pessoas admiráveis, consumidas no amor, almas devotadas que partiram acreditando no que faziam. Vidas cheias de fé, ainda que muitas sentissem apenas o vazio e a escuridão dentro de si.

Na minha carruagem de sonho, refaço um trajeto amado, a mocinha descendo a rua Governador rumo à faculda-

de. Havia no céu uma estrela enorme e inquietante no início do inverno, que a seguia até a entrada do prédio. Deixava lá fora a estrela peregrina. Terminada a Pedagogia, o curso de Orientação Educacional. E depois de casada, a faculdade de Jornalismo.

A alma sempre ávida de conhecimento queria estudar, estudar, estudar. Nunca parar de estudar. A Filosofia a chamava nos livros e nas horas de profundos conflitos existenciais sem respostas, sem janelas, sem portas e sem passagens secretas. O secreto ficou guardado no terraço florido e nos bancos de madeira com pés de ferro. Num baú imaginário, de onde ela ainda pretende tirar coisas boas.

Para que chorar o que passou, lamentar perdidas ilusões? – pergunta a letra dolorosa e a melodia mais ainda. Consolador será saber que nossos ideais renascerão em outros corações. A roda da vida deve girar, transformando e criando novas formas de amor, de contato, de bondade, de esperança. A tecnologia não substituirá o abraço ao vivo.

A juventude é um sonho que as mãos querem segurar. Mas ele precisa ser vivido, buscando cumprir-se a cada momento, apesar da dor, da luta e do sofrimento. “Ninguém quer a morte, só saúde e sorte”, diz outra canção inspirada. Inspira-nos o canto das alvíssaras, anunciando a alegria. Mas existe o contrabalanço da tristeza, da amargura e da solidão. O que passou está guardado na caixa recheada de cartas maravilhosas, unidas por um laço de fita; em alguns cartões postais preciosos; nas fotos emolduradas nas paredes; na sala de jantar hoje silenciosa; nos porta-retratos tão vívidos e tão eternos.

Vidas que se acabam a sorrir. Luzes que se apagam, nada mais. Quantos sorriram até o final de suas existências, sabedores da morte iminente, pegando em nossas mãos trêmulas, antevendo o adeus? Demos o melhor de nós a cada um, avó, pai, mãe, cônjuge, parente, amigo. A muitos acompanhamos solidários na amizade, quando foi preciso o afeto e a presença.

Não nos falte jamais a certeza de termos sido companheiros e generosos, nesta solicitude extremada que a vida

nos pede em algumas horas cruciais. Ontem, vi vidas se acabando e sorrindo, luzes apagando-se aos poucos num longo trajeto final; outras que se precipitaram na partida, abrupta e fatal. Hoje, sou eu, faço parte de uma geração que lentamente se apaga e fenece. À luz de profecias promissoras, ao som de “Luzes da Ribalta”.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO  
Cadeira n.º 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

### A mãe e a guerra ("Di ve voi ma")

– Mãe, quero ir para casa...

O menino de cinco anos levantou as pálpebras despidendo dois olhos grandes e luminosos. A mãe não lhe respondeu. Ela pensava, baixando os olhos medrosos e apagados.

– Mãe, porque corremos? Quero ir para casa...

Precisavam correr e correr, precisavam chegar... Onde? Nem ela o sabia... Aquilo era um pesadelo, maior do que todo o inferno! O marido, gravemente ferido por uma granada, ficara para trás, e dos três filhos, só lhe restava aquele. Estavam a quarenta quilômetros de Hué, fugindo na direção sul, tentando escapar dos comunistas. O cerco era grande e a jovem mãe não tinha esperanças de chegar. A fuga sem fim! Em qualquer lugar – Hué, Quang-Tri ou Dongha – rechaçados, obrigados a fugir, fugir até à morte!

Em toda parte a pressa, a fome, o abandono, os gritos e gemidos, a destruição! Estilhaços, obuzes, foguetes, granadas, a incessante atroada das baterias e dos canhões, as tropas e os civis misturando-se numa fogueira eterna de ódio e de morte! Mães chorando os filhos, filhos procurando as mães, expressões de dor e de loucura, mortos e mutilados, o sangue, o inexplicável, a maldição, a guerra!

A mãe levantou o filhinho do chão, estreitando-o nos braços. Seu filho não devia morrer. Não ele! Ela o defenderia contra tudo, o seu menino precoce e belo, único bem que lhe restava...

Pôs-se a correr. A criança, assustada, acalmou-se aos



poucos na segurança daqueles braços, distraíndo-se com a silhueta dos refugiados, recortada contra o céu escuro e nublado. O panorama feio e áspero se amenizava na doçura do aconchego: em sua mãe a proteção e a força, o seu mundo! Ouvia ruídos que lhe recordavam o lar, deixado para trás: alguns porcos grunhiam e frangos cacarejavam. Eram animais trazidos pelos fugitivos. Lembrou-se com nitidez de como se divertia com o galo branco de crista vermelha. Ouvia-o todas as manhãs, empinado e altivo no fogão de barro, como um general dando ordens a seus comandados.

– Mãe, quero ir para casa.

Ela não respondia. As granadas estouravam em toda parte, pela segunda vez, em trinta dias. Quang-Tri transformara-se numa fornalha de sangue e de destroços fumegantes, de berros apavorados!

O cansaço a vencia e o pacote de arroz e de verduras, sob o braço, caiu esparramando-se no chão. Era o que possuía. Parou por momentos, olhando o filho, um olhar maior do que ela, profundo e desesperado...

Súbito, um clarão e um estrondo!

... O menino foi encontrado na estrada, distante quarenta quilômetros de Hué. O corpo de sua mãe jazia a seu lado, despedaçado pelo foguete vietnamita. Ele tinha as duas pernas quebradas, queimaduras no rosto e nos braços. Mas estava com vida.

... Ninguém lhe sabe o nome. E a cada instante ele grita, alheado e monótono: “Di ve. Di ve voi ma. Di ve. Di ve voi ma.” Eu quero ir para casa. Quero ir para casa com minha mãe!...

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO NEWMAN RIBEIRO SIMÕES  
Cadeira, nº 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres

**A cidade que mora em mim**  
(para profa. Marly T. G. Percin)

Há mais de meio século  
me vejo *despindoramar*.  
No mesmo tanto, comecei a *piracicabanear*.  
Sou menino-homem atrás de definições.  
Foi aos dezessete.  
Vim para *esalquear* conhecimentos agrônômicos,  
acabei por me apaixonar pelo magistério.  
Na ESALQ, meu *estar* no mundo  
passou a ter a consciência social  
como dimensão inalienável  
de minha disposição de *ser* no mundo,  
mas sem calar o grito interior  
ao captar as inquietações alheias.  
Seus mestres e os colegas  
semearam exemplos em mim.  
Suas grandes árvores,  
cheias de intimidade com os ventos,  
generosas com as sombras na relva,  
acolhiam leigos na procura de paz.

Na dança das galáxias,  
a seiva cósmica provocou a agitação  
de eras geológicas, criando um desnível,  
por onde o azul translúcido das águas de um rio sonhava  
desaguar em outras águas salinas, lambendo peixes em vôos prateados.  
Sou vítima do contágio dos aromas,  
das cores, das luzes, das carícias de brisas  
e da névoa boiando no degrau do salto,  
com status de “véu da noiva”.

No seu horizonte,  
como bordas de um imenso cálice,  
e num barulho de parto, o sol rompe  
numa liturgia - sem pão e nem vinho-  
colorindo as paletas da alma para que  
seus pintores possam retratar a beleza  
de suas paisagens, contemplando a alegria  
atrás dos músculos retesados dos morros.

As raízes que tecem seu subsolo  
têm um mistério que faz a luz explodir  
em flores coloridas de seus ipês.  
Primeiro o rosa, depois o vivoamarelo  
e, por fim, o branco fugidio,  
como lençóis brancos a dar adeus ao inverno. Novembro enche-se  
[de vermelho  
nos imensos flamboyants, tão abrasador como o sol de verão.

E sua gente gentil,  
entre silêncios de igrejas  
e murmúrios de preces, cânticos e louvores,  
vai fabricando suas metalúrgicas artes,  
na desesperada esperança  
de ocupar o lugar da inesperada desesperança.

Minha cidade,  
em cada pôr do sol recolha os ventos  
que trazem palavras que os seus poetas conjugam em poemas.  
No pouso do Divino,  
saudado por violas caipiras,  
deixa vibrar um som de alegria  
no vigor de seus músicos,  
como a alegria da chuva  
que amamenta a secura do rio  
e a aridez da terra, verdejando canaviais  
e tecendo a canção do viver.

As cores pretobranças do esporte  
dão identidade a sonhos  
feitos de distâncias  
e de bocas que amargam  
a espera de um grito de alegria.

Nos sons dos carnavais (de rua e de salão), escuderias arrastam a tristeza pra debaixo do asfalto e do assoalho.

A estação (agora cultural)  
ainda sonha com o movimento  
de gentes entre vapores das mariasfumaças encurtando distâncias  
ou aumentando ausências  
nos olhos que sofriam de despedidas.

Vou falando da Vida,  
mas não quero fazer do viver  
uma dolorosa tarefa a cumprir.  
Quando eu morrer,  
podem fazer minha autópsia:  
encontrarão,  
com certeza,  
Piracicaba  
no meu coração.

### **infantilidade**

*(para Manoel de Barros)*

*Minhas desequilibradas palavras  
são o luxo do meu silêncio.*

*(Clarice Lispector)*

palárvores  
balançam ao vento  
e cumprem a impermanência  
de não serem elas mesmas  
apoemando-se  
metaforadamente.



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI**  
Cadeira nº 25 – Patrono: Francisco Lagreca

## **Cantadores de Cururu de Piracicaba**

O Canto de improviso que existe não só em Piracicaba, mas também por uma vasta região denominada Vale do Médio Tietê (que se estende desde as cercanias da cidade de Bom Jesus de Pirapora até a de Barra Bonita), é geralmente denominado de “cururu”. Sua origem seguramente é muito mais antiga, remontando ao hábito dos cantos religiosos executados pelos jesuítas para a catequese dos índios, durante a fase de colonização.

Independente de suas origens, o importante é o que permanece ainda dele nos dias atuais. Os seus rastros mais recentes o colocam ligado com a Festa do Divino, há mais ou menos duzentos anos atrás. Ele é uma antiga tradição, intimamente ligado à esta festa, que ainda subsiste nesta área. (cf. filmes e texto do Divino)

Há um momento indefinido em que o cururu extrapola as festas religiosas, e torna-se uma apresentação totalmente profana.

O que a tradição oral transmite é que dentro das manifestações religiosas, o cururu iniciava-se como canto religioso e depois havia uma parte profana. Esta manifestação do cururu foi utilizada para fazer brincadeiras, transmitir informações e divertir a quem assistia a manifestação.

Em fases mais remotas, deve ter sido usada como forma de diversão entre os tropeiros, que provavelmente colaboraram na disseminação deste costume. Assim, podiam ter pequenos momentos de recreação em suas andanças. E aos cantos iam anexando o habitual de cada dia, incrementando os conhecimentos e divulgando fatos que ocorriam, de uma região para outra.

Seguramente, a parte profana (mais burlesca) provavelmente foi anexada nos espetáculos circenses antigos (os circos de cavalinho), e dentro deste contexto foi criando o seu humor mordaz e satírico como alguns se expressam nas suas apresentações. Havia a necessidade de um canto repentista onde fosse criada uma sensação de disputa, cômica, para poder motivar aos espectadores.

Com a implementação dos meios de comunicação que começaram a se estabelecer, na década de 1940 com o rádio e depois na década de 1950 com a televisão, mais uma vez foi modificando sua forma de apresentação com uma forma mais sofisticada de exibição, associado com sistemas musicais mais complexos, o que o descaracterizou totalmente, e foi a origem das outras formas de músicas hoje existentes.

Ainda conseguimos observá-lo em suas formas menos desfiguradas dentro das apresentações feitas em áreas rurais, onde ainda mantém alguma originalidade.

Convidamos Abel Bueno (\*1933) para fazer apresentação especial mostrando o que é cururu de origem, aquele que sempre transmite uma mensagem. Já tínhamos anteriormente sua imagem em “Cururu de Roda”, que é a primeira concepção do cururu religioso ou sagrado. Se possível, será colocado brevemente na rede.

Optou-se por mostrar como o cururu pode transmitir uma evocação religiosa. O canturião tem um sonho, quando convida antigos cururueiros, que já se foram, para retornarem e se apresentarem. As citações de Pedro Chiquito, Dito João, Lazaro Albino, André de Sousa Galvão, são nomes de canturiões falecidos. O próprio Deus faz parte da concepção artística. A expressão utilizada, “para viajar com a voz do vento, escute o ronco do trovão” era expressão antiga usada pelo cururueiro André de Sousa (sg. Serrinha).

Dentro deste pensamento desenvolve uma história, aonde vai construindo e descrevendo a ideiação sobre esta festa fantasmagórica, até seu término.

Já é uma manifestação diferente da apresentada pelo

cururueiro Moacir Siqueira ao saudar o altar no início de uma apresentação.

Ambas as apresentações, tanto a de Moacir Siqueira com Milo na viola, como a de Abel Bueno com Laurindo na viola são manifestações variantes de um cururu religioso ou sagrado.

Mesmo João Mazzero (Piracicaba), Horácio Neto (Cerquilha) e Manézinho Moreira (Conchas), quando cantaram imitando antigos cantadores, não deixaram de colaborar na montagem e sedimentação de arquivo onde fossem retratadas antigas toadas de canturiões que já se foram. Claro se torna que nunca será a mesma coisa de uma gravação do original, mas a oportunidade é ímpar e não pode ser desperdiçada, visto que os cantores atuais conviveram com estes que já nos deixaram.

Já que estamos falando em colaboradores na manutenção do cururu, não poderia deixar de citar o nome de Oscar Francisco da Silva Bueno, o “Serrinha”, filho de Nhô Serra (Sebastião da Silva Bueno) que tem se mostrado um batalhador de fibra ímpar, na luta pela manutenção das tradições populares.

O mais importante, no meu ponto de vista, é que estes e outros cururueiros, cientes das rápidas transformações por que passam estes cantos repentistas, e presumindo seu esquecimento (como já ocorreram com muitos), não poupam esforços em fixar estas manifestações mais antigas, para que não caiam total obscurantismo, bem como amanhã possa se constituir em um arquivo vivo de uma fase áurea do canto repentista.

Somente temos a agradecer a todos os elementos envolvidos neste processo de manutenção das tradições, iniciado em 2004 e somente agora estando sendo aberto aos interessados.

Há uma série de vídeos no youtube.com mostrando estas diversas formas de manifestações.





---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS  
DE ALMEIDA LEME

Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

### Coragem

Logo cedo descobri,  
Da vida, no amanhecer  
Leve como colibri,  
Rima rica pra coragem  
Que não há de envelhecer  
Mas é só para os que agem,  
Como rio que aceita a margem,  
Mas não aceita a barragem.

A margem é necessária (ao seu ativo),  
Para seguir o seu curso,  
Atingir o objetivo  
E não alagar percurso...

Coragem é para os que agem,  
Que criam e não copiam...



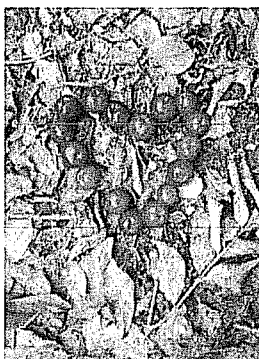
---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA  
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

## BARCA

No fundo, o viver é barca...  
em plena e inesgotável jornada  
marítima, celeste, terrestre  
– Viagem abarcada por homens  
nos viveres profundos  
em balanços de água  
à procura de víveres...  
O estar, nos viveiros de pássaros  
em aragens de ar  
à escuta de cantos...  
E o andar, nos caminhos diversos  
em pegadas de terra  
deixadas por mestres

## PROXIMIDADE



Algum vento  
cortando ar  
cortaria voz

Tão próximo  
do meu o seu  
corpo sutil

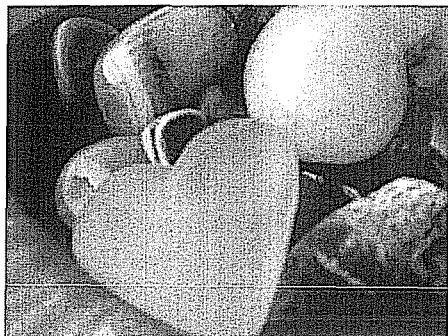
Duas mãos  
formando pontes  
formariam o par

## DE TUDO SENHORA DE TODOS

Que bela Senhora a de Lourdes  
a inspirar azul/mente as almas  
– de Bernadete em especial  
lá na gruta Massabielle  
em França 11 fevereiro  
mil oitocentos cinco oito

Oh Senhora das Candeias  
dai a luz que não se apaga  
– a nós filhos enredados  
nas teias e nós da vida  
luminai os passos dados  
dos homens e seu destino

## CONSCIÊNCIA



Negra, branca, vermelha, amarela  
consciência tem todas as cores  
todas as formas, maneiras, jeitos  
importa a nós que hoje não haja  
tempo nem hora pra preconceitos

## QUIETUDE

Vim percorrendo caminhos molhados  
todos os lados com os passos lentos...  
quieta aventura atmosfera leve  
tal qual a neve a clarear momentos

Por entre nuvens surge o sol de inverno  
silêncio terno vai nascendo em mim...  
sob a ponte passam as águas densas  
dores imensas levadas assim

Caminhos tantos eu vim percorrendo  
me apercebendo de toda grandeza  
nos lugares vários também na alma  
em doce calma e singular beleza

**MOTHER EARTH PATCHA MAMA MÃE  
MAMA MOTHER MAMÁ MOTHER**

a net web womb  
the earth as a unit  
the great and universal  
mãe mama mother mama  
of us all and everything  
her linking being is magic  
perfect exact and complete  
and it has to do with you  
with me with everyone  
everywhere for we are  
tiny but infinite cells  
parts of a vast body  
with a feminine face  
named mother earth

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO VITOR PIRES VENCovsky**  
Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Anéfalos

O texto que apresento a seguir é uma tentativa de contar a história do Brasil de outra forma. As ideias principais utilizadas foram pensadas e elaboradas durante as aulas no mestrado da disciplina Experiências e Políticas Regionais Recentes, em 2004, do Prof. Antônio Carlos Brandão, Departamento de Economia da Unicamp.

Nessa ocasião, tive contato com uma dezena de artigos e livros que abordavam o tema desenvolvimento econômico. Um dos autores tratava em seu texto dos frutos do desenvolvimento. A partir daí meu texto começou a ser estruturado.

É importante registrar, também, que pensar o Brasil sempre foi meu objetivo, preocupação e ocupação. Fui treinado para isso nos meus últimos 15 anos, período que tive a oportunidade de participar de grupos de pesquisas na Unicamp, Esalq-USP e UFRJ. Portanto, o assunto Brasil é como aquela cachaça que, sempre sem exageros, é consumida diariamente.

★ ★ ★

### **Procura-se um jardineiro**

A história do Brasil já foi contada por diversos especialistas segundo vários pontos de vistas e perspectivas. Vamos pensar a história do País como o crescimento de uma árvore que, nesses últimos 500 anos, foi cultivada e transformada no que conhecemos hoje como o país do futuro.

Em 1.500, conforme a história nos apresenta, a árvore Brasil foi plantada pelos portugueses. Nos primeiros 350 anos, a



árvore foi sendo tratada para que suas sombras se estabelecessem sobre a Europa e seus frutos atendessem aos interesses dos portugueses. Salvo algumas exceções, as estruturas sociais e econômicas foram moldadas, dirigidas e comandadas a partir da coroa portuguesa, conforme decisões e necessidades europeias. Nesses três séculos e meio, a árvore forneceu muitos frutos e enriqueceu a Europa com grande quantidade de matérias primas e minerais.

Qualquer ameaça à grande árvore em formação, guerras eram travadas e fortalezas erguidas. Grandes acordos e tratados foram realizados para manter o objetivo dessa frondosa espécie tropical chamada Brasil.

Na segunda metade do século 19, a mesma estrutura e lógica se mantiveram, mas agora com as sombras e os frutos voltados para outros países, como a Inglaterra. O país se modernizou parcialmente com a construção de ferrovias, as mesmas que passaram a transportar o café para os ingleses. Uma pequena parte da sociedade brasileira tinha acesso a produtos importados, assim como um estilo de vida europeu.

Já no século 20, os beneficiados se ampliaram. Outros países, como os EUA e alguns asiáticos, entraram na disputa e passaram a dividir as sombras frescas e agradáveis e os frutos saborosos e nutritivos oferecidos pela árvore Brasil.

Com indústrias modernas, produzindo bens em grande parte de marcas internacionais, os brasileiros começaram a usufruir dos benefícios dessa árvore. Apesar disso, os melhores frutos continuaram nas mãos de apenas alguns países.

Após a Segunda Guerra Mundial, a árvore sofreu sua maior intervenção dos últimos tempos. Com grande esforço, seu tronco foi rotacionado quase que 180 graus para que as sombras e frutos deixassem a Europa e passassem a privilegiar quase que exclusivamente os EUA. Nesse momento, nos distanciamos de sociedades mais humanistas para ingressarmos na mais capitalista de todas as sociedades. O ter começou a se sobressair sobre o ser.

Mais recentemente, a China entrou para o seletivo grupo de países que se beneficiam da árvore Brasil. Esses asiáticos

não medem esforços para comprar soja e minério nas melhores condições possíveis, tanto em qualidade quanto em preço, e vender para a grande árvore produtos de alta tecnologia. O benefício para os chineses é completo, tanto na importação quanto na exportação.

A disputa pela frondosa árvore, que fornece frutos e sombra o ano todo, é crescente. Todas as nacionalidades procuram se beneficiar, controlando o que devemos produzir, industrializar e comercializar. Na década de 1990, os portugueses e espanhóis começaram a participar novamente deste interessante espaço brasileiro, por meio de suas empresas de telefonia e energia, assim como de instituições financeiras.

Nos últimos 500 anos, diversos problemas aconteceram com a árvore Brasil. Em vários momentos, os galhos secaram, as folhas caíram e a sombra deixou de existir; ou, ainda, os frutos bicharam, perderam o brilho ou ficaram sem sabor e consistência. A solução sempre apareceu na forma de programas, planos, medidas e pacotes. Em alguns casos, até revoluções.

Quando, mesmo depois dessas medidas, a situação não melhorava, o adubo era trocado ou o jardineiro substituído. Em grande parte dos casos, o novo jardineiro ou o próprio manual de aplicação do adubo era definido pelos próprios interessados em manter a sombra e o brilho dos frutos como definidos originalmente.

Manter quase que intocável a estrutura principal dessa árvore por cinco séculos não é uma tarefa fácil. Muitos técnicos e especialistas atuam intensamente para manter as sombras e os frutos sempre em ótimas condições. Nessa lista estão organismos internacionais e locais e grandes grupos econômicos, financeiros e de mídia. As ferramentas utilizadas pelos técnicos são muito poderosas, envolvendo a diversão e o consumo a qualquer custo e promoção social por meio de programas de grande aceitação popular. Quando a tensão social chega ao limite, alguns frutos são distribuídos e uma parte da sombra é disponibilizada para acalmar os ânimos de alguns.

O que se verifica é que os governantes passam grande

parte de seus governos regando a árvore, adicionando adubo especial e moderno, podando alguns galhos que apresentam problemas e expulsando alguns interessados em participar dos benefícios da árvore Brasil. Expulsam, até mesmo, os próprios brasileiros que buscam se beneficiar dessa árvore.

O jardineiro chefe e seus ajudantes ficam restritos a medidas para tratar de doenças que prejudicam as sombras e os frutos, e não oferecem alternativas e muito menos condições para alterar a estrutura da árvore que foi definida há mais de 500 anos.

A história apresentada acima é simplificada e limitada, mas ajuda a pensar um pouco mais sobre que país é esse que estamos ajudando a construir. Com tantos problemas a resolver e com uma lista enorme de outros criados a todo o momento, o Brasil parece estar condenado a ser sempre o país do futuro.

Pela turbulência social que estamos presenciando, materializada pelas tragédias ocorridas em todos os cantos do país, tudo indica que algo não está sendo organizado de maneira correta pelos atuais dirigentes, gerando insatisfações e desespero em grande parte da sociedade. Precisamos entender que a profundidade dos problemas exige um conjunto de soluções muito mais estruturais e muito menos superficiais e emergenciais.

Nas próximas eleições, precisamos de um jardineiro com a capacidade e competência para podar a árvore próximo a seu tronco e definir novas medidas para controlar o crescimento de seus ramos de maneira que essa passe, definitivamente, a sombrear o Brasil e a fornecer os melhores frutos à sociedade brasileira.

\* \* \*

O texto foi originalmente publicado no caderno de cultura do Jornal de Piracicaba nos dias 10 e 17 de dezembro de 2015. Um leitor me brindou com vários elogios, mostrando como é bom quando o que escrevemos serve para produzir outras reflexões e construções.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO**  
Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

### **Abraçando a sua causa profissional**

Meses atrás, juntamente com outras seis ou sete pessoas, estava este cidadão brasileiro na porta de saída de um supermercado que se localiza no Centro de nossa cidade, com compras já efetuadas, aguardando a benevolência de São Pedro (dizem que ele comanda a natureza) para fechar suas torneiras, pois, de forma contínua e com muito vigor, chovia para dar e vender.

Para mim, era somente atravessar a rua que já estaria adentrando o portão de edifício vertical em que resido há mais de 20 anos. Faltava-me coragem para enfrentar água da cabeça aos pés. Para as outras pessoas, certamente seriam muito mais passos até suas residências.

Impaciência, algumas reclamações discretas, conversas entre pessoas desconhecidas, olhares para o céu totalmente inundado, consultas aos relógios de pulso e aos celulares, telefonemas solicitando providências para possíveis caronas, completavam certo cansaço dos que ali se encontravam.

Eis que na esquina da antigamente conhecida como sendo a “Rua do Commercio” surge um veículo (não sei se tem nome específico), coletor de lixo orgânico e, como de praxe, em seu degrau traseiro alguns trabalhadores (autênticos) executando sua tarefa, sob a torrencial chuva, em total alegria, gritando, cantando, saudando os que estavam com receio de não se molharem.

Pois é! Todos nós sabemos que devemos exercer a profissão que nos dá prazer. Aqueles garis assim demonstraram, mas enfrentar chuva, sol, correr o dia todo para descartar o nosso lixo, explorar o olfato sempre de forma contínua em

área não perfumada são atitudes próprias de amor ao próximo.

Profissões existem pelas quais tenho admiração muito especial. Gari é uma delas pois se eu tivesse 20 anos não teria condição física para a maratona diária.

Profissionais há que estão sempre protegidos do sol, da chuva, dos ventos e de outros inconvenientes, mas não valorizam esta condição. Reclamam do barulho, do ar condicionado que não esta funcionando a contento, da iluminação artificial etc.

Alguns de nós que a sociedade permitiu completar o nível superior, devemos valorizar nosso diploma, executar nosso trabalho com a mesma alegria de um gari, de forma completa (técnica e humana), sem reclamar da crise que ora enfrentamos e buscar caminhos e soluções.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME**  
Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

### **Correndo atrás do parado**

Saber correr, já é uma qualidade, mas saber para onde estar correndo é essencial, pois como tudo está em movimento o melhor é saber para onde estamos indo.

A frase “Maria vai com as outras” traduz bem o perigo a que estamos sujeitos quando acompanhamos os outros, sem saber onde estão indo. É necessário saber para onde cada indivíduo está indo baseando-se em decisões próprias. Essa decisão nos levará onde nós desejamos ou muito próximos de lá.

Nesses tempos, com o crescimento populacional e com a informação virtual na velocidade dos acontecimentos, as informações e desinformações correm paralelamente em dois trilhos, trazendo ao mesmo tempo aquilo que poderia nos mandar para o Paraíso ou para o “Paraguai”. Num apertar de botão errado a confusão pode se instalar, tomando conta do pedaço e nos transformando em otários.

É necessário que uma “bússola de sabedoria” que nos conduza onde realmente gostaríamos de estar indo, contrariando o estouro de uma boiada que fazendo um coletivo de “Maria vai com as outras”, depois de passar por cima de tudo que encontrar pela frente acaba indo para o matadouro. Nesse momento nacional, acreditamos que estamos “correndo atrás do parado”.

O Brasil hoje é um trem que caminha sobre os trilhos citados, um de governados e outro governantes. Os governantes perdidos debaixo do signo das vantagens individuais, da corrupção, dos gastos excessivos, dos desmandos, da ganância, da má fé levaram o país a paralisia quando ficaram num

mar de “pouca vergonha”, deixando o Brasil anestesiado em suas decisões governamentais.

De outro lado vemos os governados, num corre-corre contínuo, como baratas tontas, cegos em seus movimentos, sem saber onde seguir, exauridos pelo tempo de espera até que algumas decisões sejam tomadas pelos “governantes parados” resolvendo as mazelas que criaram, nesta arrogância de descaso.

Sei que quando a gente pretende viajar de trem, temos que ir à estação, apanhá-lo e seguir até o nosso pretenso destino, levando em conta que o trem não sairá dos trilhos.

Desta vez estaremos esperando que o trem deixe o seu destino e passe pela nossa casa. Talvez vamos parar de andar nesse trem e começar andar a pé ou de quatro, e que é necessário aguardar, se estivermos em condições de viajar.

---

**APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO\***

- As acadêmicas **Carmen Pilotto, Ivana Negri, Leda Coletti, Maria de Lourdes Soderó Martins** mais as escritoras **Elisabete Bortolin e Madalena Tricanico**, lançaram o livro “Retratos de Vidas, a Beleza do Envelhecimento” com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, em comemoração aos 110 anos do Lar dos Velhinhos de Piracicaba
- Em 29 de Outubro de 2016 aconteceu a inauguração do Quiosque de Literatura no Parque da Rua do Porto com o nome da poetisa e escritora falecida **Maria Emília Leitão Medeiros Redi** que pertenceu ao quadro de acadêmicos da APL.
- Dias 29/30 de Outubro/2016 realizou-se a primeira Festa Literária de Piracicaba – FLIPIRA no entorno do casarão do Turismo. Projeto da escritora Raquel Delvaje em parceria com os grupos literários. Os acadêmicos **Aracy Ferrari, Carmen Pilotto, Ivana Negri, João Athayde, João Nassif, Leda Coletti e Silvia Oliveira** trabalharam para o sucesso do evento.
- 10 de dezembro Confraternização de final de ano no Recanto dos Livros reunindo o Centro Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária, Sarau Literário Piracicabano e Academia Piracicabana de Letras
- A acadêmica **Carla Ceres** ganhou 2º lugar na categoria Comerciantes no 3º Festival de Poesia da Fecomerciantes com o poema “Parte do Jogo”.
- A acadêmica **Aracy Duarte Ferrari** lançou seu livro “Palavras Entrelaçadas em Pensamentos” dia 18 de fevereiro de 2017.



- O acadêmico **Armando Alexandre dos Santos** foi a Portugal para tomar posse na Academia Portuguesa da História, uma instituição muito antiga e venerável, fundada em 1720 pelo Rei D. João V, extinta pela república em 1910 e restaurada pela mesma república em 1936 é uma das mais antigas da Europa e do Mundo inteiro.

★ ★ ★

**ATA DA SESSÃO DE POSSE  
DE CINCO NOVOS ACADÊMICOS DA  
APL – ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**

Às 19h30, do dia 10 de março de 2017, na sala Canadá, do Colégio Piracicabano, situado na rua Rangel Pestana, 762 – Piracicaba-SP, reuniram-se os membros acadêmicos titulares da APL – Academia Piracicabana de Letras e convidados para solenidade de posse dos seguintes novos acadêmicos: Edson Rontani Júnior, cadeira nº 18, patrona: Madalena Salatti de Almeida; Maria de Lourdes Piedade Soderer Martins, cadeira nº 26, patrono: Nelson Camponês do Brasil; Vitor Pires Venkonvsky, cadeira nº 30, patrono: Jorge Anéfalos; Ézio Antonio Pezzato, cadeira nº 31, patrono: Victório Ângelo Cobra e Newman Ribeiro Simões, cadeira nº 38, patrono: Elias de Melo Ayres. A abertura da Sessão foi feita pelo Sr. Presidente da APL, acadêmico Gustavo Jacques Dias Alvim, que convidou os seguintes membros da Diretoria para comporem a mesa de trabalho: Cássio Camilo de Almeida Negri, vice-presidente; Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto, 1ª secretária; Antonio Carlos Fusatto, 1º tesoureiro e Waldemar Romano, 2º tesoureiro. A seguir foi cantado o Hino Nacional brasileiro pelos presentes, com belas projeções de paisagens brasileiras, bem como, a letra do Hino no rodapé d'uma tela instalada na parede, fundo da sala. Dando sequência, o Sr. Presidente fez uma breve explanação sobre a origem da APL – Academia Piracicabana de Letras, inclusive exaltando que nessa data ela estava completando 45 anos, pois a mesma foi fundada pelo idealizador João Chiarini, aos 10 dias dos mês de março de 1972, lembrou ainda que, naquele evento estiveram presentes e representando a Câmara Municipal de Piracicaba ele próprio como vereador na época, bem como os senhores Rubens Leite do Canto Braga e Milton Camargo, ambos, também, vereadores. Falou ainda sobre o número de

cadeiras na época, mais de 200 e que contava com acadêmicos ilustres no seu quadro, na categoria de correspondentes tais como: Jorge Amado, Juscelino Kubitschek de Oliveira, José Sarney, Jarbas Passarinho entre outros. Falou que, o modelo atual de somente 40 Cadeiras acompanha a estrutura da ABL – Academia Brasileira de Letras cujo modelo é francês – somente 40 Cadeiras. Falou também que o atual Estatuto, elaborado em 2009, por ocasião de sua regulamentação, conforme modelo da ABL – Academia Brasileira de Letras, já está obsoleto em alguns artigos e que nomeou uma Comissão de Acadêmicos para reformá-lo. Tão logo fique pronto, enviará uma cópia a cada acadêmico do Quadro, para estudo e considerações e a seguir marcará uma assembleia para aprová-lo. Na sequência deu posse aos cinco novos acadêmicos, sendo que os certificados de posse, carteiras de identidade da APL, bem como os bóttons e medalhões foram entregues aos empossados pelos membros da Mesa Diretora. Após a fala de cada um dos novos acadêmicos, exaltando a figura de seus patronos, foi cantado o Hino de Piracicaba (canção conforme palavras do recém-empossado acadêmico Ézio Antonio Pezzato) composto pelo poeta e compositor Newton de Mello, em 1932; também com belas projeções em tela, de bucólicas paisagens piracicabanas, acompanhado da letra do hino também no rodapé da tela. A seguir o Sr. Presidente agradeceu a presença de todos, e, encerrou a reunião convidando-os para um coquetel de conagração, na sala contígua a qual estávamos. Nada mais havendo a relatar, eu Antonio Carlos Fusatto, 1º tesoureiro, atuando nos serviços de secretário para este evento, lavrei esta Ata, que após lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Diretoria que estavam presentes.

Gustavo Jacques Dias Alvim  
Cássio Camilo de Almeida Negri  
Carmen Maria da Silva Pilotto  
Antonio Carlos Fusatto  
Waldemar Romano  
Aracy Duarte Ferrari  
João Umberto Nassif  
Evaldo Vicente

### **Agradecimento**

A Diretoria da APL agradece  
ao acadêmico Cézario de Campos Ferrari pelo  
indefectível apoio financeiro concedido que se afigura  
fundamental para realização desta Revista.

---

**DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**  
**TRIÊNIO: MAIO DE 2015 A ABRIL DE 2018**

Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim  
Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri  
Primeira Secretária – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto  
Segundo Secretário – Evaldo Vicente  
Primeiro Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto  
Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano  
Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari  
Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari  
Walter Naime

**GALERIA ACADÊMICA**

**Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil  
**André Bueno Oliveira** – Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs  
**Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda  
**Antonio Carlos Neder** – Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra  
**Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion  
**Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado  
**Carla Ceres Oliveira Capeleti** – Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin  
**Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira n° 20 – Patrono:  
Benedito Evangelista da Costa
- Cezário de Campos Ferrari** – Cadeira n° 12 – Patrono:  
Ricardo Ferraz de Arruda Pinto
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira n° 18 – Patrona: Madale-  
na Salatti de Almeida
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira n° 21 – Patrono: José  
Ferraz de Almeida Junior
- Esio Antonio Pezzato** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio  
Ângelo Cobra
- Evaldo Vicente** – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz
- Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortu-  
nato Losso Neto
- Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Acadêmico Honorário
- Geraldo Victorino de França** – Cadeira n° 27 – Patrono: Sal-  
vador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim  
Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira n° 29 – Patrona:  
Laudelina Cotrim de Castro
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fer-  
nando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João  
Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34  
– Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente  
José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário

**Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins** – Cadeira n° 26  
– Patrono: Nelson Camponês do Brasil

**Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira n° 3 – Patrono:  
Luiz de Queiroz

**Marisa Amábile Fillet Bueloni** – Cadeira n° 32 – Patrono:  
Thales Castanho de Andrade

**Marly Therezinha Germano Percin** – Cadeira n° 2 – Patrona:  
Jaçanã Althair Pereira Guerrini

**Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira n° 9 – Patrono:  
José Maria de Carvalho Ferreira

**Myria Machado Botelho** – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria  
Cecília Machado Bonachela

**Newman Ribeiro Simões** – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias  
de Melo Ayres

**Olívio Nazareno Alleoni** – Cadeira n° 25 – Patrono: Francis-  
co Lagreca

**Paulo Celso Bassetti** – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz  
Guidotti

**Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme** – Cadeira  
n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

**Sílvia Regina de Oliveira** – Cadeira n° 22 – Patrono: Eroti-  
des de Campos

**Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldu-  
mont Nobre Ferraz

**Vitor Pires Vencovsky** – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Ané-  
falos

**Waldemar Romano** – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de  
Andrade

**Walter Naime** – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz





陳明和橋

ISSN 2177-2797



9 772177 279006